

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

ARTHUR BALTAZAR SOUZA COSTA

**A TRAJETÓRIA DE LIMA BARRETO NA IMPRENSA DO RIO DE JANEIRO:
SUA PARTICIPAÇÃO NO A.B.C E HOJE.**

**GUARULHOS
2019**

ARTHUR BALTAZAR SOUZA COSTA

**A TRAJETÓRIA DE LIMA BARRETO NA IMPRENSA DO RIO DE JANEIRO:
SUA PARTICIPAÇÃO NO A.B.C E HOJE.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Bacharel e Licenciatura em História
Universidade Federal de São Paulo

Orientador: Denilson Botelho

**GUARULHOS
2019**

Costa, Arthur Baltazar Souza.

A trajetória de Lima Barreto na imprensa do Rio de Janeiro : sua participação no A.B.C e HOJE. / Arthur Baltazar Souza Costa. Guarulhos, 2019.

74 f.

Trabalho de conclusão de curso Bacharelado em História - Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2019.

Orientador: Denilson Botelho.

Título em inglês: The path of Lima Barreto in the Rio de Janeiro's press: his participation in the A.B.C and HOJE.

1. Lima Barreto, 1881-1922. 2. História Social. 3. Literatura 4. Imprensa. I. Botelho, Denilson. II. Título.

ARTHUR BALTAZAR SOUZA COSTA
A TRAJETÓRIA DE LIMA BARRETO NA IMPRENSA DO RIO DE JANEIRO:
SUA PARTICIPAÇÃO NO A.B.C E HOJE.

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Bacharel em História
Universidade Federal de São Paulo

Aprovação: ____ / ____ / _____

Prof. Dr. Denilson Botelho
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Jaime Rodrigues
Universidade Federal de São Paulo

Prof.^a Dr.^a Edilene Teresinha Toledo
Universidade Federal de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, que sendo retirantes nordestinos, passaram por todas as mazelas e sacrificaram muito de sua vida para que me garantissem poder me formar em uma Universidade Pública Federal. Sendo o primeiro da minha família a poder ter esta oportunidade.

Agradeço ao meu melhor amigo que me acompanhou nesta trajetória, ouvindo incontáveis reclamações sobre a vida e sobre o que é o trabalho do historiador. Agradeço profundamente aos meus colegas de curso, em especial, meus veteranos da *Festa no Apê do Neto*, que se tornaram mais que colegas, verdadeiros amigos de profissão e de coração, sempre discutindo os mais diversos assuntos que envolvam, política no termo amplo da palavra e também nossas “nerdices”. Eles vivenciaram algumas (muitas) crises de choro e de riso, me ajudaram nos momentos de embriaguez e também corroboraram para a construção deste trabalho, seja com palavras de ajuda, seja com dicas de bibliografia, ou simplesmente estando ali para dar suporte emocional. Foi maravilhoso contar com vocês durante a graduação.

Agradeço também aos professores que me ajudaram na elaboração deste trabalho, fazendo sempre as mesmas perguntas, que embora fossem um pouco cruéis (“Quando você se forma?”, “Ainda está aqui?” ou “Quando você defende a monografia?”), propiciaram a força de vontade necessária para que eu prosseguisse escrevendo e reformulando o que fosse necessário. Mas que muito mais importante que isso, davam dicas de leitura.

E agradeço imensamente ao excelentíssimo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que como meus pais, é um retirante. Como meus pais, não teve a oportunidade de estudar e se formar em uma universidade. Como meus pais, sonhou com uma vida diferente para os seus filhos e as gerações futuras. Como meus pais, ele muitas vezes, passou por situações constrangedoras por ser de uma cultura diferente, ainda que existente no mesmo território nacional. Como meus pais, ele foi vítima de uma sociedade que não liga pros mais pobres, mas que ousou lutar e sonhar com um mundo melhor.

E foi graças ao ex-presidente Lula e ao seu projeto de valorização da educação que pude estudar em uma Universidade Federal, o campus foi estabelecido durante a sua gestão e através do Sistema de Seleção Unificada pude concorrer a uma vaga cotista para pessoas de baixa renda. Tendo estudando integralmente em escolas públicas, poder terminar a minha graduação também em uma universidade pública era mais que um sonho, era uma

possibilidade real que foi projeto de um governo que observou a mim e a todos os outros na mesma situação como uma geração que mereceu ter oportunidades.

Novamente, um imenso obrigado aos meus pais e a todos aqueles que me empurraram nesta longa empreitada em busca do diploma de professor e historiador. Posso não ser o melhor aluno a se formar, longe disso, mas certamente sou um dos mais felizes por ter tido esta oportunidade.

“As engrenagens da história são lubrificadas com o sangue da classe trabalhadora.” *Autor anônimo.*

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar a trajetória de Lima Barreto na imprensa, buscando evidenciar as possíveis relações entre jornalismo e literatura nas suas crônicas. A escolha pelo autor deve-se a sua trajetória como escritor e também pela sua colaboração regular em vários periódicos durante sua vida, sendo A.B.C. e HOJE dois dos jornais nos quais publicou com maior frequência. O trabalho foi desenvolvido tendo em mente o período final da vida de Lima Barreto e a sua participação nos ambientes por onde circulou, buscando ressaltar o papel que sua colaboração exerceu nestes dois periódicos, realizando um balanço de seus textos de maneira cronológica, e comparando-os com seus escritos em outras fontes fazendo uso da metodologia da História Social.

Palavras-chave: Lima Barreto; História Social; Literatura; Imprensa.

ABSTRACT

This study aims to analyse the path of Lima Barreto in the press, seeking to highlight the possible relations between journalism and literature in his chronicles. The choice of the author is due to his trajectory as a writer and also because of his regular collaboration in many newspapers during his life, being the A.B.C and the HOJE two of the journals where he wrote more often. The study was made having in mind the final period of the author's life and his participation in the environments where he attended, looking to emphasize the role his collaboration exerted in these two newspapers, performing a chronological statement of his texts and comparing them with other sources.

Keywords: Lima Barreto; Social History; Literature; Press.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Texto de Lima Barreto em página do A.B.C.....	40
Figura 2: Texto de Lima Barreto em página do <i>HOJE</i>	52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO • 10

2 BREVÍSSIMA BIOGRAFIA • 13

3 A COLABORAÇÃO PARA O A.B.C. • 24

4 A COLABORAÇÃO PARA O HOJE • 45

5 CONCLUSÃO • 57

REFERÊNCIAS • 61

ANEXO A – TABELA CONTENDO PUBLICAÇÕES DE LIMA BARRETO DENTRO DO A.B.C • 67

ANEXO B – TABELA CONTENDO PUBLICAÇÕES DE LIMA BARRETO DENTRO DO HOJE • 73

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de monografia é consequência de uma pesquisa de Iniciação Científica realizada durante a graduação. A pesquisa tinha como objetivo investigar dois periódicos, *A.B.C (1915-1922)* e *HOJE (1919-1922)*, que Lima Barreto trabalhou durante os anos finais de sua vida, ressaltando o papel da imprensa e as discussões levantadas por ele e pelos outros autores que trabalharam nestes mesmos periódicos. Os temas que direcionavam a investigação circulavam em torno do próprio jornalismo, tornando-o tanto fonte quanto objeto de estudo, também buscou-se compreender como se produziam os jornais e quais as possíveis influências de Lima Barreto dentro daquele ambiente. Além dos dois jornais também foram mobilizadas outras fontes primárias, como o *Diário Íntimo* do autor e suas *Correspondências*.

Durante a Iniciação Científica foram elaboradas tabelas para sistematizar os dados que alavancaram a pesquisa. Após a obtenção destes dados, houve a formulação de um relatório que permitiu chegar a algumas conclusões. Porém, não houve esgotamento total dos dados adquiridos, pelo contrário, surgiram novas oportunidades de se trabalhar com este material. A partir disso, elaborou-se o projeto de monografia, cujo fim era revisitar as informações já coletadas e realizar uma análise mais densa, respondendo novas perguntas.

Em primeiro lugar, buscou-se exibir uma *Brevíssima Biografia* de Lima Barreto. Narrar a vida de uma personalidade já reconhecida em um trabalho de monografia se apresentou como uma árdua tarefa, uma vez que este não era o objetivo final deste estudo. Ainda sim, foram escolhidos fatos que são vistos como indispensáveis para o entendimento não apenas dos temas que o escritor visitou em vida, mas também de suas concepções políticas e o ambiente de trabalho do mesmo – O Rio de Janeiro da Bela Época. Desta maneira, foi selecionado como bibliografia o já clássico livro de Fernando de Assis Barbosa *A vida de Lima Barreto*, cuja primeira versão se fez durante a década de 1950, 30 anos após a morte do cronista e que abriu as portas para se estudar a figura que é Lima Barreto; Outro livro escolhido, este extremamente recente, publicado pela primeira vez em 2017, de Lilia Moritz Schwarcz chamado *Lima Barreto: Triste Visionário*, faz nova investigação sobre a vida do autor expondo sua trajetória e ressaltando as características que envolvem a problemática situação de um escritor negro dentro da *Capital Federal* durante a *Primeira República*.

Além destes dois livros, também foram utilizados o livro de Beatriz Resende, chamado *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*, publicado em 2016, que descreve

panoramicamente o que era a cidade do Rio de Janeiro durante os anos em que Lima Barreto produziu a sua obra, ressaltando as transformações espaciais e sociais como apresentadas pelo cronista em sua obra; E por fim, mas não menos importante, foi utilizado o livro de Denilson Botelho, orientador desta pesquisa, chamado *A pátria que quisera ter era um mito: História, literatura e política em Lima Barreto*, reeditado em 2017, que segue a trajetória de Lima Barreto dentro dos periódicos onde trabalhou e faz um estudo biográfico da vida do mesmo, contendo tabelas que elucidam a publicação dos textos originais nos periódicos, sua data e quando houve sua compilação em livro. Ressalta-se que além dos já citados livros, também foi utilizada bibliografia para se entender o jornalismo do Rio de Janeiro, em especial o trabalho de Marialva Barbosa intitulado *Os donos do Rio: imprensa, poder e público* e o clássico de Nelson Werneck Sodré chamado *História da Imprensa no Brasil*.

Junto a isto acrescentam-se as grandes obras metodologicamente estruturantes deste trabalho, são elas: *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário* de Pierre Bourdieu; *Meios de Comunicação como Meios de Produção* e *A cultura é de todos* de Raymond Williams; e *Literatura como missão* de Nicolau Sevcenko. É extremamente importante observar que a metodologia empregada observa a literatura em geral como sendo fonte e objeto através da perspectiva da história social, realizando análise que difere da história cultural. A literatura aqui não se trata de representação da realidade, mas ela infere sobre a própria realidade da qual se origina, relacionando-se dentro da cadeia produtiva do capitalismo, servindo (ou não) ao poder hegemônico e quais as implicações desta relação. A literatura é indissociável do sujeito que a escreve, portanto, o autor do texto atua na realidade diretamente através da sua obra, ela carrega consigo toda a subjetividade do sujeito. A ideia que Lima Barreto tinha sobre a sua literatura ser militante é perfeitamente entendível neste aspecto. Desvincular-se dessa ideia é ignorar completamente o que o próprio autor define como seu trabalho. É imprescindível manter esta ideia viva enquanto se lê este trabalho de monografia. Lima Barreto aspirava mudar a realidade do Brasil através de sua obra, não podemos jamais esquecer disso quando tratamos deste autor.

Tendo isto em mente é importante observar que optou-se por separar o trabalho realizado por Lima Barreto em cada periódico para a elaboração dos capítulos de análise, apurando cronologicamente os textos presentes nos dois periódicos e realizando o trabalho do historiador. As fontes primárias foram visitadas e revisitadas incontáveis vezes durante a elaboração deste trabalho, todas estão disponíveis dentro da sessão da *Hemeroteca Digital* pertencente à *Fundação Biblioteca Nacional*. Lima Barreto escreveu muito nestes dois

periódicos, desta forma, optou-se por explorar primariamente duas séries de trabalhos do autor, mas obviamente não ignorando outros textos publicados que têm papel importante na sua atuação dentro dos jornais. As séries escolhidas são *Os Bruzundangas e Maguas e Sonhos do Povo* publicados no *A.B.C* e no *HOJE* respectivamente em datas distintas. Acredita-se que são dois trabalhos dessemelhantes, mas que representam a mesma característica geral de Lima Barreto como autor: um crítico do regime republicano que faz uso de temas culturais para expor sua indignação através das letras.

Vale lembrar que estes são os anos finais de vida do autor, mas estão longe de serem os anos onde sua produção diminui. É justamente o contrário, são durante os anos finais de sua vida que Lima Barreto passa a publicar com maior frequência e em maior número de periódicos, sendo o *A.B.C* o segundo jornal onde o autor mais publicou seus textos, diferente do *HOJE*, onde o autor publicou poucos textos durante toda a sua trajetória. É irrelevante pensar que há diferença na dedicação de Lima Barreto dentro dos periódicos, o que pode se observar cruzando informações entre as diversas fontes e bibliografia é exatamente o oposto: o cronista escrevia em vários periódicos porque gostava de produzir e não deixava que lhe passasse tal oportunidade.

Por fim, foi realizada uma nova compilação dos textos de Lima Barreto dentro dos dois periódicos em forma de tabela. O conteúdo das tabelas designa a data da edição, as páginas que o texto ocupa, o título do texto, a assinatura do texto e possíveis observações.

2 BREVÍSSIMA BIOGRAFIA

Afonso Henriques de Lima Barreto, conhecido como Lima Barreto, era filho de João Henriques de Lima Barreto e Amália Augusta. Seu pai nasceu livre, era tipógrafo, atuou desde cedo em jornais, entre eles o *Jornal do Comércio* e depois no liberal *A Reforma*, em que se envolveu com as ideias do partido¹. A sua mãe, também mulata como o pai, foi criada em uma família de nome, os Pereira de Carvalho, que garantiram a ela estudos e um diploma de professora².

Nasceu ainda durante a Monarquia, no dia 13 de maio de 1881³. É sabido que Lima Barreto não tinha bons olhos para a República, ao contrário, sempre teve maior apreço pelos anos finais da Monarquia. Francisco de Assis Barbosa destaca em seu livro que “esse saudosismo monárquico era uma das extravagâncias do escritor revolucionário”⁴. Todavia, devemos ter em mente que o apreço que Lima Barreto tinha para com a Monarquia era devido aos problemas que o regime republicano trouxe a João Henriques, com a perda de seus empregos na imprensa⁵ e o fim de suas conexões com membros da política monárquica. Soma-se a isso também os casos de corrupção e assalto aos cofres públicos que o escritor veria durante toda a sua vida, como veremos mais à frente neste trabalho. A sua radicalização política também pode ser explicada por sua decepção com a República.

Afonso Henriques sempre foi esperto e dedicado aos estudos, e com o apadrinhamento do Visconde de Ouro Preto – antigo amigo de seu pai –, ingressou no Liceu Popular Niteroiense, onde concluiu seus estudos⁶ e mais tarde ingressou na Escola Politécnica (nos meses finais de 1896⁷), onde encontrou problemas com a sua formação, em especial a matéria de mecânica, que era ministrada pelo professor Licínio Atanásio Cardoso, conhecido por reprovar alunos de maneira implacável⁸, mas havia algo a mais que motivava o professor. Para Lima, grande parte de seus problemas na escola eram pelo fato do jovem ser negro, ele se sentia incomodado pelo fato de ser o único estudante negro frente a todos os colegas que

¹ BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto: 1881-1992**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. 11. ed. p. 28

² Idem. p. 32

³ Idem. p. 36

⁴ Idem. p. 46.

⁵ Ibid.

⁶ Idem. p. 47.

⁷ Idem. p. 67.

⁸ Idem. p. 69.

eram, de uma forma ou de outra, brancos e que tinham situação mais abastada que a do jovem⁹. Daí que surgiam tantas reprovações, era um “estranho no ninho”, era perseguido por aquilo que jamais poderia modificar, isto é, sua cor. Somado a isso, o jovem estudante que se interessava mais por filosofia, principalmente àquela que ia contra os ideais Positivistas, bem comuns na academia (legado de Benjamin Constant, do qual o próprio professor Licínio Cardoso fazia parte) sofreria por não ter dedicado-se mais aos estudos de mecânica¹⁰. Ainda assim, dentro da Politécnica foi onde teve suas primeiras experiências com a imprensa, fazendo parte de um periódico escolar intitulado *A Lanterna*¹¹, para o qual escreveria alguns artigos utilizando sempre pseudônimos. Infelizmente, não se encontram mais as edições deste periódico, portanto, não podemos realizar maior pesquisa sobre a participação do futuro romancista no jornal estudantil.

Lilia Schwarcz, em recente trabalho biográfico sobre Lima Barreto, descreve que “a coluna em *A Lanterna* deu um primeiro forjamento ao futuro jornalista”¹². De fato, esta primeira experiência de Lima Barreto dentro de um periódico seria o embrião da sua inserção dentro do mundo jornalístico: sempre com muita acidez e ironia em sua escrita, contendo grande contestação e revolta sobre os temas abordados por ele e, por último – mas não menos importante – utilizaria pseudônimos dos mais diversos.

Todavia, como já foi citado, a experiência do autor não seria das melhores dentro da Politécnica e ele encontraria o fim desta experiência quando seu pai adoeceu. Em finais de 1902, João Henrique começaria a ter delírios sobre os livros de contabilidade de seu trabalho no manicômio (Colônia São Bento) da Ilha do Governador¹³. Mais tarde, no ano de 1903, após longa batalha burocrática, veio a aposentadoria do pai e com ela o fim da trajetória de Lima Barreto dentro da Politécnica¹⁴. A saída foi procurar emprego, estudou para um cargo de amanuense da Secretaria de Guerra, mas ficando em segundo lugar não obteve o cargo, ainda assim, por mais incrível que pareça, devido ao falecimento de um funcionário da mesma secretaria, acabara por assumir cargo em Outubro daquele mesmo ano¹⁵.

⁹ SCHWARCZ, L. K. M. **Lima Barreto: Triste visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 1 ed. pp. 121-122.

¹⁰ BARBOSA, Francisco. Op. cit. p. 69.

¹¹ Importante salientar aqui que este periódico não é o mesmo que circulava em São Paulo. O *A Lanterna* de Benjamin Mota tinha aspirações Anarquistas e só seria publicado a partir de 1901.

¹² SCHWARCZ. Op. cit. p. 128.

¹³ BARBOSA, Francisco Op. cit. p. 84.

¹⁴ Idem. p. 87.

¹⁵ Idem. p. 89.

Verdade é: ainda que fosse funcionário da Secretaria de Guerra, seus vencimentos não eram suficientes para pagar as contas da nova casa¹⁶ e cuidar de seu pai, já muito debilitado. Mas isso não impediu que Lima Barreto atuasse nos jornais, ao contrário, a sua presença em gazetas e periódicos cresceu um pouco neste tempo como amanuense. De acordo com Schwarcz, além do *A Lanterna*, publicou ainda no “semanário humorístico *O Tagarela*” onde escreveu duas crônicas com o pseudônimo de “*Rui de Pina*”, no “*A Quinzena Alegre*” foi editor durante algumas edições e também em *O Diabo* que era feita junto do pessoal da Politécnica – alguns mesmos do *A Lanterna* – e, sob a mesma ótica de velhos conhecidos da Escola, foi secretário da *Revista da Época* durante cerca de um ano, quando deixou o posto devido tanto ao seu perfil de escrita às suas ocupações como funcionário público¹⁷.

Mais tarde, Lima Barreto faria sua primeira aparição em um grande periódico: o *Correio da Manhã* de Edmundo Bittencourt. Sendo um dos grandes jornais da época no Rio de Janeiro, é importante ressaltar que o *Correio* era sempre um “jornal de oposição”¹⁸ mas que contemplava temas literários como crônicas e folhetins, além de conter divisões de editoriais separadas em colunas temáticas: *Vida Operária*, *Vida Acadêmica*, etc.¹⁹ É deste periódico moderno, contendo divisões editoriais fechadas, colunas semanais e muito espaço para crônica de onde parte o pedido para que Lima Barreto escreva a série de reportagens sobre o antigo Morro do Castelo, um dos alvos da reforma de Pereira Passos no Rio de Janeiro. O resultado é a série de crônicas *O Subterrâneo do Morro do Castelo*²⁰, publicadas entre o mês de abril e de junho de 1905.

A primeira crônica da série *O Subterrâneo do Morro do Castelo* é apresentada na primeira página da edição de número 1387, datada do dia 28 de abril de 1905²¹. Certamente é algo prestigioso, ser apresentado na primeira página de tal periódico, um dos maiores do Rio, dividindo espaço com nomes como Artur de Azevedo (um dos fundadores da Academia

¹⁶ Mudou-se para a Rua Boa Vista, número 76. Bairro de Todos os Santos de acordo com bibliografia citada. Para tanto, ver: SCHWARCZ, L. K. M. **Lima Barreto: Triste visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 1 ed. p. 144

¹⁷ SCHWARCZ. Op. Cit. pp. 149-150.

¹⁸ BARBOSA, Marialva. **Os Donos do Rio: Imprensa, Poder e Público**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000. 1 ed. p. 26

¹⁹ Idem. p. 27.

²⁰ A série muda de título a partir da quinta crônica, publicada em 4 de Maio na edição de número 1394 ela passa a se chamar *Os Subterrâneos do Rio de Janeiro*. Foi compilada em livro como *Os Subterrâneos do Morro do Castelo* pela editora Dantes Editora, em 1997.

²¹ O acesso ao *Correio da Manhã* e aos outros documentos foi realizado através do banco de dados da Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: Setembro de 2018.

Brasileira de Letras) e o cearense Antônio Salles (fundador da Academia Cearense de Letras). Nesta primeira crônica, nos é apresentado o contexto da situação do morro, que é o “bota-abaixo” de Pereira Passos para a construção da Avenida Rio Branco, no entanto, a mística do local aparece na crônica sob a forma de uma galeria de túneis subterrâneos que seriam fruto das ocupações da Ordem dos Jesuítas, durante os tempos da Colônia e que abrigariam tesouros escondidos. O resultado é a obstrução das obras e o início de atividades arqueológicas a fim de encontrar os nomeados tesouros, dos quais Lima Barreto faz zombaria, declarando que um deles seria “os mapas e roteiros das minas do Amazonas”²², fazendo alusão ao *El Dorado* da literatura fantástica. Mas uma coisa importante nos chama atenção nesta série de crônicas, a ausência de assinatura no texto. Lima Barreto escreve a série de crônicas e as deixa sem assinatura alguma, nenhum pseudônimo foi usado. A reflexão de Francisco de Assis Barbosa acerca da autenticidade do conto deixa a dúvida se ele foi “colaborador ou redator efetivo”²³ dos escritos. Todavia, Beatriz Resende confirma a autoria do texto por Lima Barreto durante a *Introdução* que escrevera ao livro publicado em 1997 pela editora Dantes.²⁴

Mesmo que inicialmente, nesta primeira experiência para um periódico grande, Lima Barreto tenha feito um trabalho “sob encomenda”, nele já aparecem algumas características da escrita do autor. Quero dizer que a mistura da realidade com ficção, escrevendo linhas imaginárias sobre a realidade histórica do Rio de Janeiro, é algo a ser destacado em sua obra. O autor percorreria diversos gêneros e não se contentaria com nenhum, passando por crônicas, romances, artigos e críticas literárias; Lima Barreto escreveria sobre tudo o que sabia, onde podia e como podia. Nas palavras de Francisco de Assis Barbosa:

No início de sua vida literária, vamos encontrar Lima Barreto numa verdadeira encruzilhada, indeciso na escolha do caminho a seguir. A hesitação é patente na variedade de obras que tentou. Além da narrativa pretensiosa (*D. Garça*) e do romance mundano (*Chez Madame da Costa*), exercitou-se no teatro, na história, no ensaio e no romance sociológico. Qualquer gênero servia. Estava possuído da ânsia de produzir, de realizar alguma coisa de imediato. Tal era a sua sofreguidão que planejava duas ou três obras ao mesmo tempo, mas não se demorava em nenhuma delas.²⁵

O seu relacionamento com a literatura sempre foi muito intenso. Sua vida no espaço do subúrbio era desgostosa, mas ela lhe garantiu experiências que seriam retratadas em seus

²² *Correio da Manhã*. **O subterrâneo do Morro do Castelo – Fabulosas riquezas-Outros subterrâneos**. Rio de Janeiro, 28 Abr. 1905. p. 1.

²³ BARBOSA, Francisco. Op. cit. p. 97.

²⁴ RESENDE, Beatriz. “Introdução”. In: BARRETO, Lima. **O subterrâneo do morro do Castelo**. Rio de Janeiro: Dantes, 1997

²⁵ BARBOSA, Francisco. Op. cit. p. 105.

textos. Schwarcz destaca que apesar de ter de ir até o centro para discutir literatura e trabalhar, era dos subúrbios onde morava que vinham alguns dos detalhes cenográficos para suas obras²⁶. O romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* publicado em 1919 contém deste influxo, de acordo com Schwarcz:

É Gonzaga de Sá, personagem do último romance publicado em vida por Lima, em 1919, quem lembrará, com jeito e retórica de seu autor, a fisionomia irracional dos subúrbios cariocas no início do século XX.²⁷

Esta proximidade do ambiente mundano dos subúrbios é alvo de uma série de artigos intitulados *Maguas e Sonhos do Povo*, que foi publicado dentro do periódico *HOJE* e aborda a relação que as pessoas pobres têm com temas do folclore: cantigas de rua, superstições, mandingas, etc. Esta série de artigos será explorada no terceiro capítulo desta monografia.

A sua experiência como escritor e seu círculo de amigos o pôs a frente de outras duas revistas no ano de 1907: a *Fon-Fon*, e mais tarde a *Floreal*. A *Fon-Fon* era uma revista semanal cheia de ilustrações e fotografias, sua primeira edição continha uma capa colorida e vinha ao público totalizando 30 páginas. Sua redação se localizava na *Rua da Assembleia, n. 62*²⁸, custava \$400 réis avulso na Capital e \$500 réis em outros Estados, sua assinatura anual era de 20\$000 na Capital e de 22\$000 em outros Estados²⁹. Seu conteúdo era diverso, trazia desde zombarias do governo até poesia em francês³⁰. A participação de Lima na *Fon-Fon* foi modesta, utilizava os pseudônimos *Phileas Fogg* – apareceu pela primeira vez na edição de número 2, datada de 20 de Abril de 1907³¹ – e *Sherlock Holmes* – apareceu pela primeira vez na edição de número 5, datada de 13 de Maio de 1907³². Acabou ficando à frente dela por apenas nove meses, pediu demissão da sua função de secretário de redação pois não se sentia bem dentro daquele lugar, reclamava de que não lhe era dado o devido respeito como escritor, enquanto textos escritos por outros eram enviados diretamente à composição³³. Em poucas palavras, aquilo que a revista fazia não agradava o escritor, queria ele mesmo ser reconhecido por sua capacidade de escrita e sua obra.

Sua busca por liberdade de escrita e um ambiente que possibilitasse ao cronista se expressar sem restrições levou-o a criação da revista *Floreal*, na qual sairia, em capítulos,

²⁶ SCHWARCZ. Op. cit. p. 180.

²⁷ SCHWARCZ. Op. cit. p. 181.

²⁸ *Fon-Fon*. Rio de Janeiro, 13 Abr. 1907. n. 1. p. 1.

²⁹ *Fon-Fon*. Rio de Janeiro, 13 Abr. 1907. n. 1. p. 3.

³⁰ Idem. p. 19.

³¹ *Fon-Fon*. **Falsificações**. Rio de Janeiro, 20 Abr. 1907. n. 2. p. 31.

³² *Fon-Fon*. **O fio de linha**. Rio de Janeiro, 11 Mai. 1907. n. 5. p. 24.

³³ BARBOSA, Francisco. Op. cit. p. 114.

partes do romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*³⁴. *Floreal*, muito diferente da *Fon-Fon*, não contaria já na sua estreia com capa colorida e nem mesmo com a quantidade de ilustrações e fotografias, pelo contrário, seria uma revista completamente textual, dando destaque ao seu ponto forte: a literatura. Como dito no próprio título da revista “Publicação Bi-mensal de Critica e Literatura”³⁵ sua expedição aconteceria duas vezes ao mês. A sua redação era localizada na *Rua Sete de Setembro, n. 89* e seu custo avulso era de \$500 réis, as assinaturas seriam disponibilizadas em três formatos: trimestral por 3\$000 réis; semestral por 6\$000 réis; e anual por 12\$000 réis³⁶.

Ora, na primeira edição da *Floreal*, no seu texto de apresentação, Lima Barreto descreve que a revista seria uma forma de “bastião” para os autores ali presentes, uma vez que lhes era negado o espaço dos grandes periódicos da época e a falta de uma rede orgânica de contatos na área editorial erguia também uma barreira para as suas publicações³⁷. Nas palavras de Lima Barreto, os jornais eram responsáveis por impor recortes, acabando com a forma pela qual estes jovens escreviam sua arte, transformando-os, em vez de dar-lhes a tão almejada liberdade de escrita:

Demais, para se chegar a elles, são exigidas tão vis curvaturas, tantas inclinações humilhantes, que, ao se attingir ás suas columnas, somos outros, perdemos a pouca novidade que trazíamos, para nos fazermos iguaes a todo mundo. Nós não queremos isso, Burros ou inteligentes, geniaes ou mediocres, só nos convenceremos que somos uma ou outra cousa, indo ao fim de nós mesmos, dizendo o que temos a dizer com a mais ampla liberdade de fazel-o³⁸.

Denilson Botelho, pesquisador da imprensa carioca e sobre a vida de Lima Barreto, escreveu em um artigo³⁹ sobre a *Floreal* que ela era, para o próprio Lima, antes de tudo, uma tentativa de afirmação de sua presença como literato. “A revista é como um grito de afirmação – ainda que um grito rouco e ouvido por poucos, pouquíssimos na época – de um indivíduo que sonha e deseja pra si um destino literário. Um grito e um desabafo de quem quer escrever e não encontra espaço”⁴⁰. Verdadeiramente, seria aqui a primeira experiência de Lima Barreto como autor sem utilizar pseudônimos, mais do que isso, estampado na folha de rosto da revista estaria o seu cargo: “Director”. Estava consagrado seu espaço de estreia na arte literária, sem pseudônimos, sem se tratar de “encomenda”, escreveria de maneira livre.

³⁴ *Floreal. Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Rio de Janeiro, 25 Out. 1907. n. 1. p. 20.

³⁵ Idem. p. 2.

³⁶ Idem. p. 3

³⁷ Idem. p. 5.

³⁸ Idem. p. 6.

³⁹ BOTELHO, Denilson. Sob o signo da Floreal: Uma perspectiva histórica da iniciação literária de Lima Barreto. In: *Revista Itinerários*. Araraquara: Unesp, n. 23, pp. 149-74, 2005

⁴⁰ Idem. p. 150.

Todavia, a felicidade de Lima Barreto duraria pouco. A *Floreal* teria uma vida curta, totalizando apenas quatro edições. Na segunda edição, em um pequeno texto sobre a situação da revista há a indicação de que a mesma passava por problemas devido a falta de destaque em sua capa⁴¹. Mais do que isso, também somava-se ao problema a quantidade de revistas ilustradas que saíam junto dela aos sábados, sendo a *Floreal* a menos ornada⁴². Mesmo que a notícia sobre o lançamento da revista tivesse saído em periódicos grandes como o *Jornal do Commercio*, *Gazeta* e o *Jornal do Brazil*⁴³, de nada servia se a própria revista não vendesse.

Já na terceira edição, os problemas de público da revista se mostrariam novamente. Daí que a *Floreal* apresentaria em seu sumário informações sobre como adquiri-la:

Prevenimos aos interessados que os numeros atrasados desta Revista podem ser obtidos na livraria Luso-Brasileira, á rua Assembleia a.46, ou na nossa redacção, á rua Sete Setembro n. 89, sobrado, onde sempre estamos, nos dias uteis, das 4 as 5 horas, á disposição dos que nos procurarem⁴⁴.

De nada adiantou, a situação da revista de Lima Barreto iria de mal a pior. Na quarta e última edição a *Floreal*, que sairia apenas no final de dezembro do ano de 1907 e agora editada em novo endereço *Rua General Camara, n. 103*(que já não existe mais), novamente em seu sumário dá notícias sobre o paradeiro da revista, mas desta vez os problemas são com o transporte e entrega da revista:

Com todo o acatamento, ousamos levar uma pequena reclamação ao Sr. Administrador dos Correios do Disírecto Federal. Freqüentemente, os exemplares desta revista não são entregues aos respectivos destinatários. Até o dia de hoje, estávamos na convicção que o Correio servia para isso; de hoje em diante, porém, a nossa opinião é outra.⁴⁵

Apesar de tudo, a *Floreal* teve reconhecimento de um importante crítico literário. Nesta edição já pequena nota de agradecimento sobre um texto que José Veríssimo havia publicado elogiando a revista⁴⁶. Lima Barreto escreve em seu diário que realizou uma visita à casa de José Veríssimo nas vésperas de Natal, lá trocou algumas palavras com o escritor que lhe encheram de esperança sobre a sua arte e a de seus companheiros de revista⁴⁷. Porém, logo abaixo da entrada feliz no diário, vêm comentários sobre a revista “A *Floreal* vai mal”⁴⁸. Esta seria a última notícia sobre a revista dentro do diário do escritor.

⁴¹ *Floreal*. Rio de Janeiro, 12 Nov. 1907. n. 2. p. 34.

⁴² *Ibid.*

⁴³ *Ibid.*

⁴⁴ *Floreal*. **Aviso**. Rio de Janeiro, 12 Nov. 1907. n. 3. p. 2

⁴⁵ *Floreal*. **Aviso**. Rio de Janeiro, 31 Dez. 1907. n. 4. p 2.

⁴⁶ *Ibid.*

⁴⁷ BARRETO, Lima. **Diário Íntimo (1903-1921)**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. Fonte Digital de Domínio Público. p. 54.

⁴⁸ *Ibid.*

Depois desta experiência frustrada, o ano de 1908, Lima Barreto publicaria seu primeiro livro por inteiro no ano de 1909, chamado: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Mas não seria tarefa fácil, o escritor teve de apelar para uma editora portuguesa e apenas depois de longo período de espera lhe chegaria o livro⁴⁹. O livro era um retrato da realidade, onde o clientelismo e as artimanhas existentes dentro da redação do *Correio da Manhã*⁵⁰ eram expostas por Lima Barreto. É intrigante pensar que isto influenciaria a percepção que outros teriam sobre a escrita de Lima Barreto até a sua morte, observando como o escritor seria ácido em suas crônicas, sendo sarcástico, irônico e satírico em tudo que escreveria.

Para Francisco de Assis Barbosa, a obra teria um peso enorme na vida do autor. A partir deste momento, tudo o que ele fizesse seria visto com escárnio pelas pessoas da imprensa e da sociedade letrada. Nas palavras do autor:

O Isaías Caminha marcará a obra de Lima Barreto como um gilvaz a testa de um esgrimista do século XVII. Há de ser sempre o autor de um romance de escândalo. Os senhores da literatura, os que vestem casaca e frequentam a Livraria Garnier, jamais lhe perdoarão a ousadia da violenta arremetida, as diatribes ferinas que dirigira a certos príncipes do jornalismo e das letras, as caricaturas cruéis que ainda hoje cobrem de ridículo medalhões cheios de empáfia, os mais importantes medalhões da época.⁵¹

Lilia Schwarcz segue a linha de Assis Barbosa, mas vai um pouco mais além. Para ela toda a construção do livro gira em torno das experiências do próprio autor, mas são engajadas em um projeto narrativo que vai muito além das questões da imprensa, abordando a vivência do autor e a chegada da sua maioridade quando o mesmo foi morar nos subúrbios e assumiu o papel de chefe de família⁵². A historiadora escreve que o romance:

Investia igualmente em temas de difícil trato, e caros ao escritor, tais como as diferenças sociais expressas em termos de cor, raça, classe e região. Não por acaso o personagem sai do subúrbio para ganhar a cidade grande; é pobre, jovem, bem-educado, tem “uma tez de cor pronunciadamente azeitonada”, e andava cheio de planos. Tudo muda quando ele perde a inocência e assume o tom cético da maturidade.

O livro traz ainda uma crítica profunda a um Brasil que não se realizava; ou melhor, que mostrava as mesmas políticas de exclusivismo e de discriminação. Era profundamente oligárquica aquela nova/velha República, marcada pela proeminência dos bacharéis e dos grandes proprietários do café.⁵³

Desta forma, abordando temas que faziam parte do seu cotidiano, mas alocando-os dentro de uma narrativa fantasiosa, Lima Barreto vai escrevendo seu nome na história com

⁴⁹ SCHWARCZ. Op. cit. pp. 214-215.

⁵⁰ BARBOSA, Francisco. Op. cit. p. 128.

⁵¹ BARBOSA, Francisco. Op. cit. p. 131.

⁵² SCHWARCZ. Op. cit. p. 212.

⁵³ Ibid.

uma literatura de denúncia, de crítica social e muitíssimo atrelada às questões do seu tempo. Todavia, isto lhe custaria caro: não seria visto com bons olhos pelos grandes jornais da capital federal, as portas se fechariam com medo de que a escrita vingativa do autor fizesse mais vítimas. Em movimento paralelo, os periódicos também se recusariam a tratar do livro recém-lançado, dedicando-lhe apenas o silêncio⁵⁴.

Pierre Bourdieu escreve em seu livro *As Regras da Arte* que a produção artística é classificada hierarquicamente de acordo com seu gênero (teatro ou romance) e com o seu alcance quanto ao público⁵⁵. Destaca que para uma obra garantir prestígio ela tem de alcançar o público correto, fazer-se conhecida dentro do meio que ela habita, e para tanto, é necessário que haja uma rede de contatos entre o autor da obra publicada e aqueles que iriam lê-la e comentá-la nos círculos de cultura. Esta fórmula é interligada com as origens sociais do grupo e do autor da obra⁵⁶. Lima Barreto vai justamente no sentido contrário desta lógica ao fazer da grande imprensa seu alvo de críticas: ele expõe o clientelismo e a máquina que opera por detrás dos editoriais utilizando o *O Globo* (Correio da Manhã) como objeto de escrita, mas a carapuça serve para os demais jornais. Ele acaba por se isolar depois de seu romance de estreia.

O resultado foi catastrófico. Lima Barreto acabaria por entregar-se à bebida e cair em uma espiral de decadência no ano de 1911, ficando cada vez mais triste e tomado pelo sentimento de opressão⁵⁷. Após ser jurado num terrível evento envolvendo a morte de dois jovens pelo exército durante um protesto pacífico no Rio de Janeiro, seu psicológico ficou abalado, fazendo com que o autor passasse a abusar ainda mais do consumo de álcool⁵⁸. Interessantemente, este foi o período em que o autor manteve-se ativo, escrevendo o livro *Triste fim de Policarpo Quaresma* que sairia em folhetins pelo *Jornal do Commercio*⁵⁹. De acordo com dados coletados por Denilson Botelho, só no ano de 1911, Lima Barreto publicaria 15 artigos e crônicas no *Gazeta da Tarde* e *A Estação Teatral*⁶⁰.

Ao longo dos anos seguintes, Lima Barreto se envolveria mais e mais com a bebida ao ponto de ser internado em 1914. De acordo com o seu diário, ele esteve internado no hospício

⁵⁴ SCHWARCZ. Op. cit. p. 226.

⁵⁵ BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 135.

⁵⁶ Idem. p. 136.

⁵⁷ BARBOSA, Francisco. Op. cit. p. 145.

⁵⁸ Ibid.

⁵⁹ BARRETO, Lima. **Diário Íntimo (1903-1921)**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. Fonte Digital de Domínio Público. p. 86.

⁶⁰ BOTELHO, Denilson. **A Pátria que quisera ter era um mito**. Curitiba: Prismas, 2017. 2 Ed. pp. 213-214.

por cerca de dois meses, entre agosto e outubro daquele ano⁶¹. Schwarcz destaca que a estadia do autor no manicômio foi extremamente traumática, sendo tratado como apenas mais um daqueles que eram vistos como degenerados. Lendo as fichas dos internados, a autora destaca:

Nas fichas de observação, a partir de pequenos detalhes percebe-se o diálogo difícil e hierarquizado que se entabula entre doente e médico. De um lado, o paciente buscava chamar para si alguma singularidade. De outro, muitas vezes era obrigado a deixar-se classificar com base numa situação alheia à sua vontade mas que por lá unia a todos. Se o diagnóstico apresentava variações — alcoolismo, epilepsia, psicose periódica, paralisia geral, delírio episódico, demência senil, debilidade mental, esclerose cerebral, sífilis cerebral ou simplesmente psicose dos degenerados, isso quando os termos não vinham seguidos por um ponto de interrogação —, o tratamento era bastante usual, resumindo-se à prescrição de purgativo, ópio e tônicos calmantes.⁶²

Experiência traumática, mas que não fez o autor se afastar da literatura. Pelo contrário, ao sair, Lima Barreto escreveria *Numa e a Ninfa* em vinte e cinco dias⁶³. Além disso, a vivência do autor dentro do Hospital Nacional de Alienados seria tema de outro livro, o *Cemitério dos Vivos*, onde os relatos íntimos do autor do texto são matéria-prima para as páginas do romance⁶⁴.

De fato, Lima Barreto que inicia sua vida como escritor na adolescência, dentro da Politécnica, fazendo gozação dos professores e das figuras conhecidas da mesma, encontraria sua estreia no mundo dos escritos de maneira ousada. Com a ação, sofreria boicote dos grandes jornais da época. Fazendo mais inimigos do que amigos e partindo para caminhos alternativos, a imprensa menor. Seria acometido de alcoolismo, internado no manicômio pela sua própria família, onde viveria brutal experiência com tratamentos a base de ópio⁶⁵. Mas isso não impediria o mesmo de continuar escrevendo, muito pelo contrário, a maioria de suas crônicas seria publicada após esta experiência e a sua vida seria bem mais ativa nos anos que se seguiriam, publicando 472 crônicas e artigos entre a data da sua primeira internação e o final de sua vida, no em novembro de 1922⁶⁶.

Da sua experiência em periódicos “pequenos”, dos quais escreveu muitos textos, sejam eles crônicas, contos, artigos criticando a própria imprensa ou sobre literatura, é que Lima Barreto faria suas afirmações ideológicas mais profundas. Nos capítulos a seguir, buscarei evidenciar tais acontecimentos, utilizando como base dois dos mais de vinte

⁶¹ BARRETO, Lima. Op. cit. p. 81.

⁶² SCHWARCZ. Op. cit. p. 277.

⁶³ BARRETO, Lima. Op. cit. p. 86.

⁶⁴ A obra teria também dados da segunda internação de Lima Barreto no Hospital Nacional de Alienados, ocorria no ano de 1919 de acordo com seu diário íntimo. BARRETO, Lima. Op. cit. p. 102.

⁶⁵ SCHWARCZ. Op. cit. p. 273.

⁶⁶ BOTELHO, Denilson. Op. cit. p. 244.

periódicos em que o escritor deixou sua marca, são eles o *A.B.C* e o *Hoje*, acompanhando os anos finais de vida do autor, de 1916 à 1922.

3 A COLABORAÇÃO PARA O A.B.C.

O *A.B.C* vem ao público no ano de 1915. Para ser mais exato, sua primeira edição é datada de 27 de fevereiro de 1915 e aparece sob direção de Ferdinando Borla⁶⁷. A fonte desta primeira edição está muito danificada, apresenta lacunas em seu corpo, o que dificulta a leitura, mas é possível destacar algumas informações: traz uma ilustração que lhe toma a maior parte da primeira página, seu título *A.B.C* aparece em letras grandes no topo da página, junto do informativo de que era publicado aos sábados. Há também o indicativo de “N.º 1”. Junto ao seu cabeçalho aparece a descrição de seu conteúdo: “Politica Actualidades” no lado esquerdo, e “Questões Sociaes Letras e Artes” no lado direito⁶⁸. Logo abaixo, ainda no cabeçalho, é informada o local de sua administração “Avenida Rio Branco 127, 1º Andar Telephone: Central 275 – Caixa Postal 582” e também o preço avulso e de assinatura, sendo 100 réis e 5 mil réis anuais, respectivamente⁶⁹. O periódico também destaca que questões de publicidade devem ser tratadas na *Administração*, o que já demonstra, em parte, de onde vinham os rendimentos do jornal.

A contagem inicial de páginas (disponível na fonte) é de 16 páginas, contendo não apenas os textos divididos em colunas, mas com amplo conteúdo de imagens de cunho satírico sobre personagens da política, como o Presidente Venceslao Brás, Ruy Barbosa e Lauro Müller. Ora, já nesta primeira edição do periódico, há a explicação sobre a origem de seu nome e o teor do jornal. Numa coluna chamada *Factos e Commentarios*, seu nome é um acrônimo dos três países latinos Argentina, Chile e Brasil, diferenciando-se de outros jornais que deixavam seu objetivo político escancarado no seu título⁷⁰. Todavia, o jornal segue destacando qual seria seu objetivo:

Enfrentaremos as incognitas da nacionalidade, estudaremos os problemas geneticos da nossa formação ethnica, economica, cultura, para deciframos, no meio desta confusa e tumultuosa e obscura alchimia de raças, o mote do porvir do paiz⁷¹.

Portanto, o *A.B.C*, exploraria as raízes do que seria o nacionalismo brasileiro, mas iria fazê-lo de maneira bem ácida, acompanhado de muitas ilustrações e escárnio como defendido no próprio texto:

⁶⁷ *A.B.C*. Rio de Janeiro, 27 Fev. 1915. p. 1

⁶⁸ *A.B.C*. **Capa**. Rio de Janeiro, 6 Mar. 1915. p. 1

⁶⁹ *Ibid*.

⁷⁰ *A.B.C*. **A.B.C**. Rio de Janeiro, 27 Fev. 1915. p. 5.

⁷¹ *Ibid*.

E pregaremos – porque *le rire est propre de l'homme* – pregaremos com o ar mais carnavalesco que nos for possível o sermão mais orthodoxo que, por ventura, as quaesmas da Nação aconselharem.⁷²

As principais mudanças que ocorrem no periódico durante seu primeiro ano de publicação são: a mudança de sua redação que ocorre a partir de 9 de outubro de 1915, passando a ser na Rua da Alfândega, número 134, caixa postal 582 como explicado numa pequena nota⁷³; o dia de seu lançamento, passando a ocorrer às quintas-feiras a partir de 4 de novembro de 1915, isto ocorre porque o número de periódicos semanais que saíam aos sábados era muito grande, portanto, decidiu-se que o *A.B.C* seria publicado durante a semana⁷⁴; e o seu telefone, mudando a partir da edição de 9 de dezembro de 1915, tornando-se “Norte 1785”⁷⁵.

É importante ressaltar que o *A.B.C* publicava também balanços econômicos dos Estados da Federação, textos e cartas oficiais do Presidente da República, entrevistas feitas para outros periódicos e também notícias de outros Estados, principalmente de São Paulo e Minas Gerais. Pelo jornal passaram mais de 50 nomes diferentes durante seus mais de 10 anos de publicação, destacam-se Astrojildo Pereira, Agripino Nazaré, Ariosto Palombo (João de Minas), Veiga Lima, Aurelino Leal, Assis Chateaubriand e Lima Barreto. Todavia, é imprescindível destacar que são poucos os textos que eram assinados.

O jornal tinha grande quantidade de editoriais específicos, um exemplo são os textos publicados acerca do jogo político realizado pelas autoridades brasileiras durante a Primeira Guerra Mundial e a entrada do país no conflito bélico⁷⁶. Outro grande editorial a se destacar são os textos de Astrojildo Pereira sobre a Greve Geral de 1917⁷⁷ e sobre a Revolução Russa, incitando o debate com outros periódicos da época e também colegas militantes anarquistas, como o próprio Agripino Nazaré e José Oiticica⁷⁸.

No segundo ano de publicação do periódico, há mudança em seu endereço de Redação e Administração, passando a ser ocupado na Avenida Rio Branco, número 110-112, no

⁷² Ibid.

⁷³ *A.B.C. Expediente*. Rio de Janeiro, 09 Out. 1915. p. 7.

⁷⁴ *A.B.C. Expediente*. Rio de Janeiro, 04 Nov. 1915. p. 16.

⁷⁵ *A.B.C. Capa*. Rio de Janeiro, 09 Dez. 1915. p. 1.

⁷⁶ Este editorial inicia-se na edição de 31 março de 1917 e se encerra na edição de 16 de novembro de 1918, com as discussões sobre o tratado de paz.

⁷⁷ Edições de 21 de julho de 1917 e 28 de julho de 1917.

⁷⁸ Astrojildo Pereira inicia sua discussão na edição de 18 de janeiro de 1919 e prossegue nas edições subsequentes.

edifício do Jornal do Brasil⁷⁹. Alguns dias depois, em fevereiro deste segundo ano de publicação, o periódico volta a ser publicado aos sábados⁸⁰.

Devido a lacuna das fontes, não foi possível ter acesso ao que seria o primeiro texto de Lima Barreto no *A.B.C*⁸¹, portanto, o primeiro texto do autor que temos contato foi publicado em 6 de janeiro de 1917 e faz parte da série *Os Bruzundangas*⁸². Apesar disso, o texto é tido como escrito dia 1 de janeiro daquele mesmo ano.

Os Bruzundangas, é uma série de crônicas sobre o país fictício *República dos Estados Unidos da Bruzundanga*, onde Lima Barreto toma o papel de narrador sobre como funcionava a nação, explorando os trâmites políticos e sociais do país fictício, onde as classes mais ricas competem entre si, acumulando bacharéis que de nada prestavam para o melhorar a situação econômica da Bruzundanga. Ora, a série é um retrato do Brasil que Lima vivia, o sonho republicano se mostrava corrupto de cabo a rabo, havendo o completo abandono das ideias de igualdade. Em um dos capítulos da história da Bruzundanga, Lima discorre:

A primeira cousa que um político de lá pensa, quando se guinda ás altas posições, é suppôr que é de carne e sangue differente do resto da população.

O vallo de separação entre elle e a população que tem de dirigir se faz cada vez mais profundo.

A Nação acaba não mais comprehendendo a massa dos seus dirigentes, não lhe entendendo estes a alma, as necessidades, as qualidades e as possibilidades.⁸³

Lima prossegue com as críticas sobre o sistema político da Bruzundanga, fazendo alusão ao nepotismo existente que assola o país:

Não ha lá homem influente que não tenha, pelo menos trinta parentes ocupando cargos do Estado; não ha lá politicos influentes que não se julgue[sic] com direito a deixar para os seus filhos, netos, sobrinhos, primos, gordas pensões pagas pelo Thesouro da Republica.

No emtanto, a terra vive na pobreza; os latifundios abandonados e indivisos; a população rural, que é a base de todas as nações, opprimida por chefões politicos, inuteis, incapazes de dirigir a causa mais facil desta vida.

Vive sugada, esfomeada, maltrapilha, macilenta, amarella, para que na sua Capital algumas centenas de parvos, com titulos altisonantes disso ou daquilo, gozem vencimentos, subsidios, duplicados e triplicados, afóra rendimentos que vêm de outra e qualquer origem, empregando um grande palavreado de quem vai fazer milagres.⁸⁴

⁷⁹ *A.B.C. Capa*. Rio de Janeiro, 13 Mai. 1916. p. 1.

⁸⁰ *A.B.C. Capa*. Rio de Janeiro, 26 Fev. 1916. p. 1.

⁸¹ CORRÊA, Henrique Sergio Silva. **O A.B.C de Lima Barreto (1916-1922)**. 2012, 238 f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis. 2012 p. 47. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/99621>.

⁸² *A.B.C. Um grande financista (conto exotico)*. Rio de Janeiro, 06 Jan. 1917. pp. 7-8.

⁸³ *A.B.C. A politica e os politicos da Bruzundanga*. Rio de Janeiro, 27 Jan. 1917. p. 16.

⁸⁴ *Ibid.*

A crítica de Lima Barreto busca ferir profundamente a República e o seu falso moralismo. Ele ataca com frieza o sistema podre que sempre ocupava as páginas dos jornais. Ao relatar sobre as viagens à Bruzundanga, escrevendo-as em terceira pessoa, na forma de crônicas, ele garante para si mesmo, como narrador, uma posição estratégica que o permitia descrever os males da República sob a máscara do país fictício.

Mais adiante, Lima trata de outros aspectos da Bruzundanga como seu sistema de classes, uma forma de tecnocracia, organizada de acordo com a importância de sua formação, sendo os médicos os mais nobres, seguidos pelos advogados e logo depois pelos engenheiros⁸⁵. Lima destaca que aqueles que compõem esta “nobreza doutoral” é quem ocupa os cargos públicos de mais alto teor e posições políticas de prestígio, como diplomata e embaixador⁸⁶. Além disso, há a existência de regalias após a obtenção do título de doutor: “Lá, o cidadão que se arma de um título em uma das escolas citadas, obtém privilegios especiaes, alguns constantes das leis e outros consignados nos costumes”⁸⁷.

Por outro lado, a outra nobreza da Bruzundanga, chamada de “nobreza de palpite” faz alusão a um passado místico existente por parte de membros desta sociedade. Os membros desta “nobreza” mudavam seus sobrenomes para fazer referência à personagens históricos ou figuras reconhecidas da ficção. Lima Barreto escreve:

A outra nobreza da Bruzundanga, porém, não tem base em cousa alguma; não é firmada em lei ou costume; não é documentada por qualquer espécie de papel, edito, código, carta, diploma, lei ou o que seja. Foi por isso que a chamei de nobreza de palpite.⁸⁸

Mais tarde ele dá a razão para a existência de tal nobreza. Isso se dá devido ao passado monárquico do país:

Essa recrudescencia de titulos nobiliarchicos apareceu desde que a Bruzundanga se fez Republica, e desconheceu os titulos de nobreza; porque o pais havia sido governado pelo regimen monarchico, em uma nobreza modesta, não hereditaria, que mais parecia um ‘tchin’ russo, isto é, uma nobreza de burôcratas, do que mesmo uma nobreza feudal. O rei que a creou não a chamava mesmo ‘nobreza’, mas ‘taffetás’.⁸⁹

Ora, Lima está dialogando diretamente com o fim da monarquia brasileira e com a permanência de títulos nobiliárquicos dentro da República, tais como *Visconde de Ouro Preto* – seu padrinho – e também com o próprio *Barão do Rio Branco*.

⁸⁵ A.B.C. **A nobreza da Bruzundanga**. Rio de Janeiro. 20 Jan. 1917. pp. 17-18.

⁸⁶ Ibid.

⁸⁷ Idem. p. 17.

⁸⁸ A.B.C. **A outra nobreza da Bruzundanga**. Rio de Janeiro. 20 Jan. 1917. p. 14

⁸⁹ Ibid.

A Constituição Republicana é demonstrada como uma forma de proteger os políticos, em especial o *Manda Chuva*, título oficial do Chefe de Estado na Bruzundanga. Em crônica lançada em março ele descreve:

A Constituição da Bruzundanga era sábia no que tocava as condições para elegibilidade do Manda-Chuva, isto é, o Presidente. Estabelecia que devia unicamente saber ler e escrever; que nunca tivesse mostrado ou procurado mostrar que tinha alguma inteligência; que não tivesse vontade própria; que fosse, enfim, de uma mediocridade total⁹⁰.

Mais à frente, noutra crônica ele prossegue na descrição do *Manda-Chuva*. Lima Barreto demonstra a sua infelicidade e acidez para com os dirigentes da República Velha na figura do país fictício:

A não ser que suba ao poder, por uma revolta mais ou menos disfarçada, um general mais ou menos decorativo, o Manda-Chuva é sempre escolhido entre os membros da nobreza doutora; e dentre os doutores, a escolha recai sobre um advogado. [...]

Como dizia, porém, na Bruzundanga, em geral, o Manda-Chuva é escolhido entre os advogados, mas não julguem que elle venha dos mais notáveis; dos mais illustrados, não: elle surge e é indicado dentre os mais nescios e os mais mediocres. Quasi sempre, é um leguleio da roça que, logo após a formatura, isto é, dos primeiros annos de sua mocidade, até aos quarenta, quando o fizeram deputado provincial, não teve outro ambiente que a sua cidadezinha de cinco a dez mil habitantes, mais outra leitura que a dos jornaes e livros communs da profissão⁹¹.

A Bruzundanga e todos os seus políticos eram observados por Lima Barreto como um lugar desprovido de razão, o senso comum lá não se applicava. Nicolau Sevcenko, destaca em seu livro *Literatura como missão* que os escritos do autor não perdiam “a oportunidade de denunciar o grau desmoralizante de corrupção política e econômica que empestava o regime”⁹². Lima Barreto deixava claro que sua atuação no *A.B.C* – e também em outros jornais – tinha um objetivo claro: fazer crítica ao regime. Porém, alcançava este objetivo da maneira que mais lhe agradava, através de suas crônicas.

Todavia, a corrupção extrapolava os limites da política, noutra crônica da série, Lima Barreto escrevendo sobre os agricultores da Bruzundanga destaca:

Estes, em geral, são completamente inábeis para dirigir qualquer coisa, indignos da função a que obscura marcha das coisas depositou em suas mãos. Pouco instruídos, apesar de formados, nisto ou naquilo, e sem iniciativa de qualquer natureza, despidos de qualquer sentimento de nobreza e generosidade para com os seus inferiores, mais ávidos de riqueza que o mais feroz taverneiro, pimpãos e arrogantes, as suas fazendas ou usinadas são governadas por eles, quando o são, com a dureza e os processos violentos de uma antiga fazenda brasileira de escravos. Todos eles são políticos, senão de destaque, ao menos com influência nos lugares

⁹⁰ *A.B.C. A Constituição da Bruzundanga*. Rio de Janeiro, 10 Mar. 1917. p. 12.

⁹¹ *A.B.C. Um manda chuva*. Rio de Janeiro, 24 Mar. 1917. pp. 15-16.

⁹² SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 171.

em que têm as suas fazendas agrícolas; e, apoiados na política, fazem o que querem, são senhores de braço e cutelo, eles ou os seus prepostos⁹³.

Seja no campo ou na cidade, a política estava presente e era alvo da escrita afiada de Lima Barreto. Mas era somente na cidade do Rio de Janeiro, palco dos romances do escritor, que sua escrita alcançava maior potencial. Segundo Beatriz Resende, são justamente as crônicas de Lima Barreto que expressam de maneira mais verdadeira o que pensava o autor e sua relação com o Rio de Janeiro da *Belle Époque*:

O Rio de Janeiro das crônicas de Lima Barreto é a cidade dos contrastes, das revoltas, das ruínas sob o vento do progresso, mas é antes de mais nada a expressão de uma paixão tão forte, que as outras, mais humanas, não deixa espaço. Sozinho na multidão, de ninguém pode se aproximar realmente, por estar tomado de um sentimento excessivo de proximidade com toda a cidade que só a literatura pode expressar⁹⁴.

Nos Bruzundangas podemos ver como o autor observava as manifestações culturais do país. As artes que Lima Barreto tanto prezava, em especial a literatura, era desfigurada nos grandes salões e locais de festa, a medíocre burguesia da Bruzundanga se fechava em seus círculos e reproduzia discursos massantes acerca da política tão odiada pelo escritor:

Uma tão vulgar preocupação pauta toda a vida intelectual da sociedade bruzundanguense, de todo que, nas salas, nos salões, nas festas, o tema geral dos comensais é a política; são as combinações de senatorias, de governanças, de províncias e quejandos. A política não é aí uma grande cogitação de guiar os nossos destinos; porém, uma vulgar especulação de cargos e propinas. Sendo assim, todas as manifestações de cultura dessa sociedade são inferiores. Há lá salões litterarios e artisticos, mas de nenhum delles surgiu um Montesquieu com o ‘Espírito das Leis’ como sahiu o de Mme. Du Deffand. As obras mais notaveis que lá têm aparecido, são escriptas por homens que vivem arredados da sociedade bruzundanguense. Em uma sala desse paiz, quando não se trata de intrigas politicas ou cousas frivolas de todos os dias, surge logo um tedio inconcebivel. Ella sepulta o pensamento, antes de matal-o: enterra-o vivo. Mereceria detalhes, mas só fazendo romance ou comedia.⁹⁵

Se a Bruzundanga era retrato da sociedade em que Lima Barreto vivia, era exatamente isto que o escritor observava em seus dias: cafés, teatros, festas, livrarias... Todos locais onde a política se difundia. Todavia, como o próprio Lima escreve, da política só se saíam obras se fossem romances ou comédias, coisa que ele mesmo fez com seu romance *Numa e a Ninfa* e a própria série de crônicas dos *Bruzundangas*.

Em outro texto da série, Lima Barreto descreve a diplomacia da Bruzundanga. A crônica conta sobre a formação dos futuros diplomatas, expondo os problemas existentes

⁹³ A.B.C. **Um ministro da agricultura**. Rio de Janeiro, 31 Mar. 1917. pp. 9-10.

⁹⁴ RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em Fragmentos**. 2ª ed. 1ª Reimp. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2017. p. 90.

⁹⁵ A.B.C. **A sociedade da Bruzundanga**. Rio de Janeiro, 5 Mai. 1917. pp. 9-10.

dentro da lógica retorcida do país. O que chama atenção nesta crônica é o fato de que, em um pequeno trecho, o autor demonstra sobre o caráter literário dos candidatos à diplomata:

Outra cousa que um recommendavel aspirante a diplomata deve possuir, são titulos literarios. Não é possível que um milhar de candidatos, pois sempre os ha neste numero, tenham todos talentos literario, mas a maior parte delles não se atrapalha com a falta⁹⁶.

E prossegue com sua descrição mais à frente:

Não pensem que elles publiquem obras maravilhosas, profundas de pensamento, densas de idéas; não é isso bem que elles publicam. Afóra um ou outro que não se veste pelo figurino da maioria, o que eles publicam são sonetos bem rimadinhos, penteadinhos, perfumadinhos, lambidinhos, cantando as especiaes de joias e adereços que se encontram nas montras dos ourives. A isto, elles baptisam, por conta própria, de aristocracia da arte, arte superior, arte das delicadezas impalpaveis. Publicam esses catalogos de ourivesaria, quando não são de modistas e alfaiates, em edições luxuosas; e, immediatamente, apresentam-se candidatos á Academia de Letras da Bruzundanga⁹⁷.

Este trecho é importante pois não apenas demonstra mais uma vez a chacota que observara diariamente na literatura do seu tempo, mas também qual era a sua opinião sobre os membros da Academia Brasileira de Letras. Lugar o qual Lima Barreto se candidataria várias vezes durante a vida, mas jamais se consagraria com uma Cadeira.

A crônica continua e conta a história do caso do *Visconde de Pâncome*, Embaixador da Bruzundanga, descrito como: “embaixador gordo e autoritário, megalomano e inteligente”⁹⁸. Lima prossegue descrevendo que o embaixador havia realizado muitas mudanças no Ministério do Estrangeiro, garantindo comendas para o *Manda Chuva* e os militares. Ora, este personagem é diretamente baseado no Barão de Rio Branco, Lima escancara tal comparação quando escreve que os Bruzundanguenses tinham admiração pelo *Visconde*: “assim como nós que temos grande admiração pelo Barão do Rio Branco por ter ajudado o Brasil não sei quantos milhares de kilometros, embora, em geral, nenhum de nós tenha, de seu, nem sete palmos de terra para deitarmos o cadáver.”⁹⁹

Na mesma crônica, Lima Barreto critica também a nomeação de Lauro Müller à Academia Brasileira de Letras, sucessor do Barão de Rio Branco como Ministro das Relações Exteriores. Na crônica se lê: “O Visconde de Pancôme era de fato um escritor; o novo ministro não o era absolutamente, mais como substituiu aquele, julgou-se no direito de o ser

⁹⁶ *A.B.C. A diplomacia da Bruzundanga*. Rio de Janeiro, 17 Mar. 1917. pp. 13-14.

⁹⁷ *Idem*. p. 13.

⁹⁸ *Ibid.*

⁹⁹ *Ibid.*

também e também membro da Academia de Letras, como tinha sido o seu predecessor”¹⁰⁰. Mais uma vez, o escritor ataca a Academia e os seus membros.

No *A.B.C* Lima Barreto exploraria a sua frustração com a República por meio *d’Os Bruzundangas*, mas não somente com as crônicas. Na verdade, ele interrompe sua série para fazer uma crítica certeira ao Governo e também à grande imprensa: em uma publicação em Maio de 1917, Lima Barreto faz uma carta à José Rufino Bezerra Cavalcanti, atual Ministro da Agricultura e à Azevedo Amaral, diretor do *Correio da Manhã*. O texto de Lima questiona a relação de “Zé Rufino” com sindicatos de importadores estrangeiros e põe em cheque a defesa que o *Correio* fez sobre as decisões do Ministro; uma vez que a taxa de venda do açúcar para exportadores seria mais baixa que a taxa de venda interna do produto, aumentando a exportação e diminuindo a circulação do produto internamente¹⁰¹.

Após tal texto, inicia-se um hiato nas publicações de Lima Barreto. Não há motivo ou explicação de sua ausência nas páginas do *A.B.C*, porém, quando olhamos para o seu *Diário Íntimo*, encontramos o motivo: a bebida atacou-lhe mais uma vez. Nele, Lima escreve que após um mês entregue à bebida, fez-se sóbrio para poder escrever sobre a entrada do Brasil na Grande Guerra. Crítico da quebra da neutralidade, Lima confessa que aliar-se com os Estados Unidos lhe deixou amargurado:

Hoje, depois de ter levado quase todo o mês passado entregue à bebida, posso escrever calmo. O que me leva a escrever estas notas é o fato do Brasil ter quebrado a sua neutralidade na guerra entre a Alemanha e os Estados Unidos, dando azo a que este mandasse uma esquadra poderosa estacionar em nossas águas.
A dolorosa situação dos homens de cor nos Estados Unidos não devia permitir que os nossos tivessem alegria com semelhante coisa, pois têm. Néscios. Eu me entristeço com tal coisa, tanto mais que estou amordaçado com meu vago emprego público.
A escolher, sim senhor, eu preferia mil vezes a Alemanha. Não posso dizer nada e nada direi; mas aqui fica o meu protesto mudo[...]”¹⁰².

O hiato de Lima Barreto prossegue durante todo o ano de 1917. Não publicaria mais nada no *A.B.C* e a isto devem-se dois motivos: primeiro, estava ocupado com a reedição de *Isaiás Caminha* que saiu em Setembro de 1917, precisava de dinheiro para pagar e para tanto recorreu à venda dos direitos de *Os Bruzundangas*¹⁰³; segundo, estava há mais de um mês perdido para a bebida e se alimentava muito mal, como dito em seu diário íntimo:

¹⁰⁰ Idem. p. 14.

¹⁰¹ *A.B.C. Carta Fechada Meu maravilhoso senhor Zé Rufino*. Rio de Janeiro, 12 Mai. 1917. p. 13.

¹⁰² BARRETO, Lima. *Diário Íntimo (1903-1921)*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. Fonte Digital de Domínio Público. p. 91. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2078. Acessado em: março 2019.

¹⁰³ BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto: 1881-1992*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. 11. ed. p. 175.

No dia 30 de agosto de 1917, eu ia para a cidade, quando me senti mal. Tinha levado todo o mês a beber, sobretudo parati. Bebedeira sobre bebedeira, declarada ou não. Comendo pouco e dormindo sabe Deus como. Andei porco, imundo. Ia para a cidade quando me senti mal. Voltei para casa, muito a contragosto, pois o estado de meu pai, os seus incômodos, junto aos meus desregramentos, tornam-se a estada em casa impossível. Voltei, porque não tinha outro remédio¹⁰⁴.

Porém, há um texto sem autoria escrito em 1 de setembro que se refere à Lima Barreto. O texto discorre sobre as indicações para a Academia Brasileira de Letras, entre eles, Lima Barreto que é tido como “irreverente, caustico, romancista de costumes, homem de letras authentic, creador de alguns typos immorredouros do ‘folklore’ burguez”, tem a menor chance de ganhar justamente porque não teria a figura de um “padrinho” que atraísse votos para ele¹⁰⁵. Todavia, o artigo prossegue destacando que desta derrota, Lima Barreto faria material para mais uma parte da sua série *Os Bruzundangas*¹⁰⁶.

Em janeiro de 1918 há o retorno de Lima Barreto às páginas do *A.B.C.* Escreveria então mensalmente, comentaria tudo e de todas as maneiras possíveis: crônicas, artigos e resenhas. São ao todo 27 textos publicados entre janeiro e dezembro de 1918, a grande maioria com teor de crítica à República e também discutindo o jornalismo que se fazia naquele tempo.

Algo de extrema importância que deve-se saber é que, em 12 de janeiro de 1918, Ferdinando Borla, diretor e principal redator do jornal, deixa o país para ir lutar na Itália, durante a Primeira Guerra. Em pequena nota escrita na página 11, no canto inferior direito se lê uma mensagem:

A Luis Moraes e Paulo Hasslocher
Meus amigos,
Vou trocar, durante alguns mezes, a penna pelo fuzil. Não farei falta ao ‘ABC’; não lhes peço, portanto, que me substituam. Peço-lhes, sim, que continuem, na minha ausencia, a transfundir as suas attitudes intellectuaes e civicas nas attitudes deste jornal de intellectualidade e de civismo.
12 de janeiro, 1918.
Ferdinando Borla¹⁰⁷

A saída do Diretor do jornal apresenta algumas mudanças reais em seu conteúdo que são perceptíveis apenas a longo prazo, porém, na sua parte física as mudanças são mais fáceis de perceber. Há um aumento significativo no enquadramento dos textos, havendo mais de dois por página em alguns casos, há também mais detalhes nas bordas que serviam de caixas textuais. Além disso, passam a ser encontradas durante todo o jornal, onde antes haviam pequenos textos agora se encontram pequenas propagandas e anúncios de serviços. Quanto ao

¹⁰⁴ BARRETO. Op. cit. p. 92.

¹⁰⁵ *A.B.C. A Bruzundanga entre aspas*. Rio de Janeiro, 1 Set. 1917. p. 11

¹⁰⁶ Ibid.

¹⁰⁷ *A.B.C. A Luis Moraes e Paulo Hasslocher*. Rio de Janeiro, 12 Jan. 1918. p. 11.

conteúdo do periódico, o que podemos perceber é um aumento no seu teor literário. Nesta nova fase, aumenta o número de poemas, crônicas, resenhas de livros, editoriais sobre artistas e eventos que aconteceram durante a semana.

Lima Barreto contribui para esta nova fase do jornal enriquecendo e diversificando seu conteúdo. Em um texto datado de 18 de abril de 1918, Lima Barreto realiza uma crítica teatral sobre uma peça que ele havia lido sobre em periódicos. Seu respaldo sobre a obra é negativo, ele defende que tem de haver mais entrosamento entre as obras literárias e o seu papel político. Eis um trecho:

No nosso tempo de litteratura militante, activa, em que o palco e o livro são tribunas para as discussões mais amplas de tudo o que interessa o destino da humanidade, Portugal manda para aqui, com grande successo, o sr. Julio Dantas e o sr. Anthero de Figueiredo, dous innocuos fazedores de phrases bimbalhantes¹⁰⁸.

Mais a frente no texto, ele destaca o papel da literatura como agente social:

É chegada, no mundo, a hora de reformarmos a sociedade, a humanidade, não politicamente que nada adianta; mas socialmente que é tudo. Temos que rever os fundamentos da patria, da família, do estado, da propriedade; temos que rever os fundamentos da arte e da sciencia; e que campo vasto está ahi para uma grande litteratura dos Tourgueneffs, dos Tolstois, do gigantesco Dostoiensky[sic], egual Shakespeare, e mesmo do Gorki!¹⁰⁹

Se até o presente momento Lima Barreto evitava de falar em transformação direta da sociedade por meio da literatura e da arte, a partir de agora vai passar a defender mais e mais tal ideia. Em seu *Diário Íntimo*, em uma entrada sem data específica do ano de 1918, é possível encontrar os nomes dos líderes envolvidos na Revolução Russa: “Lenine, Trotsky, Kólontai(mulher?)”¹¹⁰. Devemos lembrar aqui que nomes importantes da militância anarquista como Astrojildo Pereira e Agripino Nazaré escreviam frequentemente nas páginas do *A.B.C.*, portanto, havia certo nível de comunicação entre eles e Lima Barreto, que também escrevia em outros periódicos libertários como *A Lanterna*, *O Cosmopolita* e *A Luta*¹¹¹.

As ideias maximalistas de Lima Barreto alcançam o seu ápice quando, em maio daquele ano, lança um texto chamado *No ajuste de contas...* O texto se inicia traçando um panorama da economia brasileira e de seus ministérios, que não dialogam entre si e passam a exigir mais e mais recursos apenas para sua própria pasta, fazendo com que aumentem os impostos e sejam realizados cortes nas profissões de menor escalão¹¹². Em seguida, Lima

¹⁰⁸ *A.B.C. Volta ao Camões!* Rio de Janeiro, 27 Abr. 1918. p. 4.

¹⁰⁹ *Ibid.*

¹¹⁰ BARRETO, Op. cit. p. 95.

¹¹¹ BARBOSA, Francisco. Op. cit. p. 176.

¹¹² *A.B.C. No ajuste de contas...* Rio de Janeiro, 11 Mai. 1918. pp. 11-13.

Barreto ataca um dos principais pontos que era debatido pelos Anarquistas, Bolcheviques e Maximalistas, a questão da grande propriedade privada e a reforma agrária:

A propriedade é social e o indivíduo só pôde e deve conservar, para elle, de terras e outros bens tão somente aquillo que precisar para manter a sua vida e de sua família, devendo todos trabalhar da fôrma que lhes for mais agradável e o menos possível, em beneficio commum.

Não é possível comprehender que um typo bronco, egoista e máo, residente no Flamengo ou em S. Clemente, num casarão monstruoso e que não sabe plantar um pé de couve, tenha a propriedade de quarenta ou sessenta fazendas nos estados próximos, muitas das quaes elle nem conhece nem as visitou, emquanto, nos logares em que estão taes latifundios, ha centenas de pessoas que não têm um palmo de terra para fincar quatro páos e erguer um rancho de sapê, cultivando nos fundos uma quadra de aipim e batata doce¹¹³.

Adiante em seu texto, Lima Barreto elenca a questão das apólices e pagamentos de juros e taxas de antepassados. Segundo ele, o pagamento de dívidas de gerações passadas é um erro que deveria ser combatido, uma vez que:

Sob o ponto de vista dos usurários e truculentos capitalistas, a apólice é um mal, é um capital immobilizado que não concorre para o desenvolvimento do paiz; pois quem tem poucas, guarda-as, para receber os juros com aconchego; e quem tem muitas, guarda-as também, para não fazer nada e viver do rendimento¹¹⁴.

Somado a isto, ainda dentro da questão da propriedade privada, Lima Barreto ataca as ordens religiosas e seus bens, defendendo um confisco por parte do Estado e a redistribuição destes bens:

Outra medida que se impõe, é o confisco dos bens de certas ordens religiosas, bens que representam dadas e ofertas da piedade, ou quer que seja, de varias gerações de brasileiros e agora estão em mãos de extranhos, porque os nacionaes não querem mais ser frades. Voltem á comunhão, os bens.

Póde-se admittir que os conventos sejam asylos de crentes de ambos os sexos que se desgostaram com o mundo.

[...]

Um governo energico e oriundo do povo que surgiu, tem o dever de confiscar esses bens, de retalhar as suas immensas fazendas, de aproveitias os seus grandes edificios para estabelecimentos publicos e vender, assim como as terras divididas, os prédios de aluguel que estas ordens possuem, em hasta publica.¹¹⁵

A terceira parte que Lima Barreto soma ao seu manifesto para resolver o problema do Brasil é sob a questão da herança existente dentro do Código Civil, que fazia com que os bens fossem dirigidos ao filho mais velho:

Uma das mais urgentes medidas de nosso tempo é fazer cessar essa fome de enriquecer caracteristica da burguezia que, além de todas as infamias que, para tal, emprega, corrompe, pelo exemplo, a totalidade da nação. Para amontoar milhões, a burguezia não vê obices moraes, sentimentos nem mesmo legaes. Toca para adiante, passa por cima de cadaveres, tropeça em moribundos, derruba aleijados, engana mentecaptos; e desculpa-se de todas essas baixeças, com a segurança da vida futura dos filhos. Não encontraria mais motivo para proceder dessa maneira, mais infame

¹¹³ Idem. p. 11

¹¹⁴ Id. p. 12.

¹¹⁵ Ibid.

do que dos antigos salteadores dos grandes caminhos, se riscassemos do Código Civil o direito de testar, e as fortunas, por morte dos seus detentores, voltassem para o Estado; e nisto, imitariamos os seus maiores, os burguezes da Revolução Franceza, que golpearam profundamente a nobreza, estabelecendo a igualdade de herança entre os filhos.¹¹⁶

Por último, mas não menos importante vem o matrimônio e o direito ao divórcio. Segundo Lima Barreto, enquanto as questões levantadas por ele anteriormente “têm caracter financeiro, sem deixar de ser social”, esta é a mais urgente pois é “medida puramente social”:

Eu sou por todas as fôrmas de casamento; não me repugna admittir a polygamia ou a polyandria; mas transigiria se fosse governo. Continuaría a monogamia a ser a fôrma legal do matrimônio, mas supprimiria toda essa palhaçada de pretoria ou juizados de paz. O Estado só interviria para processar e condemnar o bígamo; tudo o mais ocorreria por conta das famílias dos nubentes. Os pais é que se encarregariam do processo, hoje chamado – *papeis de casamento* – e das cerimoniaes que fossem do seu gosto realizar; e o Estado só saberia do *caso*, como actualmente[sic], com o nascimento, por comunicação escripta das partes, para o competente registro. Não haveria nunca comunhão de bens; a mulher poderia soberanamente dispôr dos seus.

Medidas revolucionárias que Lima Barreto escreve e deixa bem claro, são apenas algumas das que havia pensado, sendo elas influenciadas pela Revolução de Outubro:

Muitas outras medidas radicaes me ocorrem, como sejam: uma revisão draconiana nas pensões graciosas, uma reforma cataclysmatica no ensino publico, supprimindo o ‘doutor’ ou tirando deste a feição de brahmane do código de Manú, cheio de privilegios e isenções; a confiscação de certas fortunas, etc., etc. Iremos, porém, de vagar por partes; e, logo acabada esta guerra que é o maior crime da humanidade, quando os filhos e os outros parentes dos pobres diabos que lá estão morrendo ás centenas de milhares, ou se estropiando, tiverem de ajustar contas com esta burguezia cruel, sem caridade, piedade e cavalheirismo, que enriqueceu e está se enriquecendo de apodrecer, com esse horroroso crime, nós, os brasileiros, devemos incitar a nossa Revolução Social, com estas quatro medidas que expuz. Será a primeira parte; as outras, depois. Terminando este artigo que já vae ficando longo, confesso que foi a revolução russa que me inspirou tudo isso.¹¹⁷

Em seu *Diário Íntimo*, encontramos mais uma vez referências para suas ideias. Iria buscá-las no *utilitarianismo* de Jeremy Bentham. Em anotação realizada no ano de 1918, sem data específica se lê:

Fim do governo:
Ocupar-se das substâncias
Fornecer abundância
Cuidar da segurança
Favorecer a igualdade.
Bentham – Filon – Literatura Inglesa¹¹⁸

Sobre isto podemos inferir mais uma vez que Lima Barreto estava interessado em mudanças sociais reais. Dentro de sua biblioteca, chamada por ele de *Limiana*, havia muitos livros de filosofia dividindo espaço com literatura estrangeira, mas apenas alguns poucos

¹¹⁶ Ibid.

¹¹⁷ Id. pp. 12-13.

¹¹⁸ BARRETO, Op. cit. p. 96.

exemplares de literatura nacional. Sobre a literatura nacional, Lilia Schwarcz defende que a Lima possuía poucos exemplares, ou que se contentava em lê-las através da Biblioteca Nacional¹¹⁹. De acordo com a historiadora, Lima possuía exemplares da *Filosofia del anarquismo e Socialismo y anarquismo*, além de um guia geral sobre o Anarquismo¹²⁰.

Quando comparamos a sua produção no *A.B.C* com a sua produção em outros periódicos, encontramos textos similares na imprensa libertária. Podemos ver em seu texto intitulado *Vera Zassúlitch* de 14 de julho daquele mesmo ano de 1918 onde ele deixa bem claro a ideia de ver acontecer no Brasil uma Revolução aos moldes daquela que estava ocorrendo na Rússia, do outro lado do globo¹²¹ e também em texto que publicaria no início de 1919, na *Revista Contemporânea* chamado *Sobre o Maximalismo*.¹²²

Seu envolvimento com ideias do espectro político da esquerda revolucionária haviam tido ampla influência nele, encontramos em seu diário, algumas entradas abaixo da anotação sobre o filósofo Jeremy Bentham, uma anotação sem data alguma onde se lê “Bolchevismo”¹²³, realizada talvez alguns dias ou meses antes dele publicar no *A.B.C* outro grande manifesto chamado *Literatura Militante*.

No *A.B.C* em 7 de setembro de 1918 vêm a tona, talvez seu texto onde fica mais clara a sua ideia de transformação através da literatura. Nele Lima Barreto discorre sobre um artigo escrito por Malheiro Dias que havia saído no *O Paiz*, onde defende que há uma grande diferença entre os leitores da alta sociedade e aqueles que eram militantes. Lima responde ao artigo defendendo justamente o teor militante da obra de Anatole France: “Elles nada têm de contemplativos, de plasticos, de incolores. Todas, ou quasi todas as suas obras, se não visam a propaganda de um crêdo social, têm por mira um escopo sociologico. Militam.”¹²⁴

Lima Barreto prossegue defendendo que há algo de especial na literatura brasileira, ela deve se ocupar de traçar os rumos para o futuro grandioso, incluindo todos aqueles que faziam parte deste cosmo, fossem negros, índios, portugueses ou italianos:

O Brasil é mais complexo, na ordem social economica, no seu próprio destino, do que Portugal.

A velha terra lusa tem grande passado. Nós não temos nenhum; só temos futuro. E é delle que a nossa literatura deve tratar, da maneira literaria. Nós nos precisamos ligar; precisamos dizer as qualidades que cada um de nós tem, para bem

¹¹⁹ SCHWARCZ, Op. cit. p. 325.

¹²⁰ Ibid.

¹²¹ BARRETO, Lima. apud. BOTELHO, 2017, p. 164.

¹²² *Revista Contemporânea. Sobre o maximalismo*. Rio de Janeiro, 1 Mar. 1919. pp. 14-15

¹²³ BARRETO, Op. cit. p. 97.

¹²⁴ *A.B.C. Literatura Militante*. Rio de Janeiro, 7 Set. 1918. p. 8.

supportarmos o fardo da vida e dos nossos destinos. Em vez de estarmos ahi a cantar cavalheiros de fidalguia suspeita e damas de uma aristocracia de armazem por atacado, porque moram em Botafogo ou Laranjeiras, devemos mostrar nas nossas obras que era um negro, um indio, um portuguez ou um italiano se podem entender e se podem amar, no interesse commum de todos nós.¹²⁵

Isto deixa claro que para Lima o porvir deveria ser trabalhado através da literatura incluindo todos aqueles que se encontravam no território brasileiro. Em especial e primariamente o lugar do negro em seu texto, presente em suas obras como protagonista e as situações pela qual ele passara durante a vida.

Sevcenko descreve o papel da arte de Lima desta mesma forma. A arte e o jornalismo são canais de comunicação e portanto são veículos de valores éticos superiores e condicionadores de comportamentos¹²⁶. Lima Barreto, escrevendo em vários periódicos seus artigos e crônicas, bem como republicando seus romances, contribuía para a difusão destes valores, sobretudo, ligados à realidade da população negra e pobre no Rio de Janeiro e dos cambalachos existentes na política e grande imprensa.

Ainda que Lima Barreto estivesse cultivando ideais maximalistas, é possível observar que a preferência pela monarquia frente ao fracasso republicano não havia deixado a mente do autor. Em um texto escrito nos finais daquele ano para o *A.B.C.*, o escritor faz uma comparação sobre as virtudes do Império em contraste com a República. O texto possui trechos que devem ser destacados, como:

No Império, apesar de tudo, ella[a política] tinha alguma grandeza e belleza. As fórmulas eram mais ou menos respeitadas; os homens tinham elevação moral e mesmo, em alguns, havia desinteresse.

[...]

O que havia nelles não era a ambição de dinheiro. Era, certamente, a de gloria e de nome; e, por isso mesmo, pouco se incomodariam com os proventos da ‘industria política.’

A Republica, porém, trazendo á tona dos poderes publicos, a bôrra do Brasil, transformou completamente os nossos costumes administrativos e todos os ‘arrivistas’ se fizeram politicos para enriquecer.¹²⁷

Lima Barreto descreve nas próximas linhas que a vida republicana que o tanto lastimava era também responsável pelo atraso intelectual e cultural do país:

A gente do Brasil, entretanto, pensa que a existencia nossa deve ser a submissão aos Accacios e Pachecos, para obter ajudas de custo e sinecuras.

Vem disto a nossa esterilidade mental, a nossa falta de originalidade intellectual, a pobreza da nossa paysagem moral e a desgraça que se nota no geral da nossa população.

Ninguem quer discutir; ninguem quer agitar idéias; ninguem quer dar a emoção intima que tem da vida e das cousas. Todos querem ‘comer’.

‘Comem’ os juristas, ‘comem’ os philosophos, ‘comem’ os medicos, ‘comem’ os

¹²⁵ Ibid.

¹²⁶ SEVCENKO, Op. cit. p. 168.

¹²⁷ *A.B.C. A Política Republicana*. Rio de Janeiro, 26 Out. 1918. p. 12.

advogados, ‘comem’ os romancistas, ‘comem’ os engenheiros, ‘comem’ os jornalistas: o Brasil é uma vasta ‘comilança’.¹²⁸

Para ele a República agia de forma tão nefasta que ela também era responsável por estagnar o pensamento brasileiro, o desenvolvimento cultural e intelectual. A corrupção e o dinheiro eram o que causava tal estardalhaço. O Brasil estava moralmente fadado a tal mediocridade desde que a República havia sido instaurada.

O final de 1918 e o início de 1919 são marcados por dois acontecimentos relevantes na vida de Lima Barreto: a sua internação, realizada entre o dia 4 de novembro de 1918 e 5 de janeiro de 1919; e a sua aposentadoria, que aconteceria enquanto o escritor estava internado no hospital. A sua aposentadoria foi decretada dia 26 de dezembro de 1918¹²⁹. A isto se somava a publicação de seu livro *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*, pela *Revista do Brasil* de ninguém menos que Monteiro Lobato¹³⁰. Após este feito, Lobato e Lima seriam amigos de cartas, trocando ampla correspondência até a morte precoce do cronista, em 1922¹³¹.

O ano de 1919 é marcado pelo afastamento de Lima Barreto do jornal. Um artigo publicado por Paulo Hasslocher sobre a população negra deixou o escritor muitíssimo incomodado. Neste artigo, Hasslocher escreve:

Pésa, e não sabemos por quanto tempo ainda pesará, na nossa civilização irregular e abracadabrante o phenomemo da escravidão.
A immoralidade de costumes e a subserviência em politica explicadas apressadamente pelo clima tropical e pela inexistencia de partidos politicos são outras tantas consequencias da formação do lar brasileiro.
Quando um jornalista negro mesmo depois de ter frequentado um seminario e se ter ordenado padre, vem a publico trazendo cambulhada com os nomes dos seus desaffectedos as senhoras, os parentes, emfim, a família daquelles, fal-o com a simplicidade de quem não póde possuir a noção elevada do que seja família pela simples e única razão de a não ter conhecido jamais...¹³²

A reação de Lima seria fulminante. Ele enviara uma carta datada de 29 de janeiro para ser publicada na próxima edição do jornal explicando os motivos do seu afastamento. Todavia, em pequeno texto introdutório realizado pela redação do jornal, há a defesa de que as decisões de Lima são “um ponto de vista puramente doutrinário, abtemo-nos de discutir as razões de Lima Barreto”¹³³, a seguir vêm a carta:

Amigo Paulo. Á vista do teu artigo no ‘A. B. C.’, de 25 do corrente, venho dizer-te, muito contrariado e sinceramente, que não continuo a colaborar no teu semanário.

¹²⁸ Ibid.

¹²⁹ BARRETO, Op. cit. p. 99.

¹³⁰ Coleção Lima Barreto, Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional; Lima Barreto, Correspondência ativa e passiva - 2o. Tomo, apud. SCHWARCZ, op. cit. p. 558.

¹³¹ **Anais da Biblioteca Nacional Vol. 105.** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1985. pp. 35-37.

¹³² A.B.C. “Polarisada” embriaguez. Rio de Janeiro, 25 Jan. 1919. p. 3.

¹³³ A.B.C. **Por amor a velhos principios.** Rio de Janeiro, 1 Fev. 1919. p. 8.

Não sou propriamente um jornalista; e, antes, tenho exprimido o meu pensamento, bem ou mal, em livros.

Seria negal-os, elles que me têm tanto custado e tanto os amo, deixar passar em silencio as tuas affirmações.¹³⁴

Aquilo que mais lhe incomodava foi exposta de maneira frívola por seu amigo. O afastamento de Lima ocorria logo quando o escritor estava livre de suas funções como amanuense para publicar seus artigos e crônicas. Ainda sim, quando se fecha uma porta, abre-se outra. O afastamento do jornal coincide justamente com o retorno de Ferdinando Borla ao Brasil. Porém, Borla não volta a atuar no *A.B.C*, mas sim funda um novo jornal, *HOJE Periodico de Acção social*. Obviamente, Lima Barreto ocupa algumas páginas para ele reservadas pelo velho amigo¹³⁵. Ainda sim, por mais estranho que pareça, Lima Barreto voltaria a escrever para o *A.B.C* em agosto de 1919, passando a escrever até o final do ano.

¹³⁴ Ibid.

¹³⁵ **Anais da Biblioteca Nacional Vol. 105.** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1985. p. 21.

Figura 1: Texto de Lima Barreto em página do A.B.C

A. B. C.

O Brasil contra o Brasil

Uma palestra com o Senador Eloy de Souza sobre a concentração dos Estados pequenos

Si os empreiteiros da mascarada politica a que se deu o nome de "Concentração dos Estados Pequenos", estivessem agindo com a mais leve sombra de sinceridade, as palavras pronunciadas na reunião de terça-feira ultima pelo senador Eloy de Souza seriam suficientes para dissolver o perigoso ajuntamento, mesmo depois da resposta indecisa, manhosa, mas inconsistente, que lhes oppoz o Sr. Lauro Muller.

Essas palavras, que definem luminosamente uma attitude, aliás coerente com o passado do representante norte-riograndense, causaram a melhor impressão aos verdadeiros republicanos.

Fiel a nobres principios e sem interesses inconfessaveis que o levem a fechar os olhos deante de situações que se impõem justamente por sua clareza, o culto e honesto politico deu, desta feita, mais uma prova da lisura e intelligencia com que defende os altos interesses nacionaes.

Que significa, realmente, uma alliança de Estados da Federação nos termos em que a propuzeram os Srs. Azeredo, Jeronymo Monteiro "et caterva"?

O Sr. Eloy de Souza mostrou com bom senso e lealdade que se quer apenas destruir os laços de fraternidade que prendem os Estados da Federação. Simplesmente isso.

As suas proposições, porém, francas e iniludíveis, têm dado margem a mal-entendidos que não podem nem devem prevalecer. Para desfazel-os, fomos procurar S. E. e pedimo-lhe que nos desse uma interpretação mais lata de seu pensamento. O illustre senador nos diz:

— O que eu affirmei na reunião de terça-feira foi o que já tenho affirmado varias vezes. Seria um perigo para a Federação si, ou sob o aspecto geographico ou sob qualquer outro, um grupo de Estados se congregasse permanentemente para defender os seus interesses regionaes. Essa alliança de alguns Estados, com caracter definitivo, determinaria necessariamente a união dos outros. E teriamos então, não a solidariedade, a fraternidade em que se baseia o nosso regimen, mas a rivalidade, a lucta, a separação...

— Em que termos foi feito o convite para a reunião do Senado?

— O convite falava de uma concentração dos pequenos Estados, para a defesa de seus interesses regionaes.

— Não se alludia a questão das candidaturas presidenciaes?

— Si a concentração fosse apenas para que determinados Estados esco-



Senador Azeredo, pai putativo da Concentração dos Estados pequenos

lhessem um candidato á presidencia da Republica, nada haveria a oppôr. Não ha inconveniente nenhum em semelhante alliança. Seria uma situação temporaria e teria por objecto a solução de um problema nacional. Nos termos, porém, em que se apresentou a questão é que está a sua gravidade.

Isso que lhe estou dizendo, eu o disse francamente aos meus collegas do Senado. A synthese publicada em alguns jornaes está certa. Não vejo, portanto, como, em boa fé, possa encontrar alguma nas minhas palavras outros intui-

tos senão os que ahí estão claramente expostos.

De resto, assumindo a attitude que assumi, eu não podia ter surprehendido a ninguém, pois todo o mundo deve saber que sempre fui contrario a allianças de Estados dentro da União, a não ser temporariamente e tendo por objectivo os interesses nacionaes.

Por amor a velhos principios

Uma polemica com a qual o illustre escriptor nada tem a ver pessoalmente, affasta, entretanto, Lima Barreto da collaboração que vinha mantendo, com brilho, ha longos mezes, neste periodico. Os motivos desse afastamento, o festejado romancista de "Isaias Caminha", nol-os fornece em carta que publicamos a seguir.

Tratando-se de um ponto de vista puramente doutrinario, abstemo-nos de dissentir as razões de Lima Barreto lamentando apenas e com sinceridade que taes razões nos privem das paginas fortes com que o grande romancista honrava semanalmente o "A. B. C."

Eis a carta de Lima Barreto e que é dirigida ao sr. dr. Paulo Hasslocher, um dos nossos directores:

"Amigo Paulo. A' vista do teu artigo no "A. B. C.", de 25 do corrente, venho dizer-te, muito contrariado e sinceramente, que não continuo a collaborar no teu semanario.

Não sou propriamente um jornalista; e, antes, tenho exprimido o meu pensamento, bem ou mal, em livros.

Seria negal-os, elles que me têm tanto custado e tanto os amo, deixar passar em silencio as tuas affirmações.

Se ellas tivessem sido feitas por outrem, seria eu o primeiro a vir com um artigalhão, contestando-as, para que o publicasses no "A. B. C."

Mas, sendo tu que as fazes; e, não querendo eu e não podendo magoar-te de alguma maneira, despego-me de tua brilhante revista e sigo o meu caminho.

E' com magua que faço isto e minha magua é tanto maior por não poder dizer francamente que as tuas palavras me suscitam revidar.

Uma cousa eu te lembro, para que não incorras em um erro vulgar de apreciação: todos os povos e raças passaram pela escravidão; a questão é de tempo e o tempo, para o philosopho não existe.

Adens, saudades; e espero da tua lealdade, a publicação desta. Do teu amigo de e para sempre, Lima Barreto.

Rio, 29—1—19."

É útil notar que apesar de poucos os textos publicados por Lima Barreto no *A.B.C* durante o ano de 1919, este é o terceiro ano mais produtivo de toda a vida do autor. Se retirarmos os 11 textos publicados pelo autor no *A.B.C*, nos sobram um total de 74 textos publicados em diversos periódicos onde Lima Barreto tinha atuação constante¹³⁶.

Deve-se ressaltar que o retorno de Lima ao *A.B.C* se faz com um texto criticando, mais uma vez, a Academia Brasileira de Letras. O texto é uma análise – e, em partes, um pequeno desabafo – de Lima sobre o discurso proferido por Pedro Lessa no recebimento de Alfredo Pujol para a Academia em 23 de julho daquele ano¹³⁷. Lima Barreto, discursando sobre a literatura como arte escreve:

A Arte cujo dever é representar, com seus recursos e os seus methods, tendo por *limite* a Natureza, ha de abstrair muito e muito menos que qualquer das sciencias elevadas.

Um escriptor cuja grandeza consiste em abstrair fortemente das circunstancias da realidade ambiente, não podia ser – creio eu – um grande autor. Fabricaria fantoches e não almas, personagens vivos.

Os nossos sentimentos pessoaes, com o serem nossos, são também reacções sociaes e a sociedade se apoia na terra.¹³⁸

Mais a frente no texto, prossegue descrevendo, de certa maneira, a materialidade histórica existente nas artes:

A Arte, por sua natureza mesma, é uma criação humana dependente estreitamente do meio, da raça e do momento – todas essas condições concorrendo concomitantemente.

Ha uma mesma geometria para aqui e para Laponia; mas uma Virgilia do Rio de Janeiro não póde agir da mesma maneira, levada pelos mesmos motivos sociaes, que a Virgilia de lá, se as ha.

De resto os mesmos motivos agindo sobre individuos neste meio ou naquelle podem leval-os a actos differentes.

Arte, por ser particular e destinar-se a pintar as reacções de fôra sobre a alma e vice-versa, não póde desprezar o meio, nas suas minimas particularidades, quando dellas precisar.¹³⁹

A análise de Lima Barreto da arte é profunda. A influência obtida mediante as ideias libertárias e maximalistas pode ser observada também na forma como ele descreve a proeminência do fator social como condicionador principal por detrás da criação de personagens e de estórias. Para o autor, personagens são baseados em fatores reais, não são descolados da realidade observável, ou como ele diz fantoches. Toda a obra é ativamente baseada e reflete a realidade do autor. Mais do que isso, ela tem um papel ativo na

¹³⁶ BOTELHO, Op. cit. p. 244.

¹³⁷ Para informações sobre a nomeação de Pujol, ver <http://www.academia.org.br/academicos/alfredo-pujol>. Acessado em Março de 2019.

¹³⁸ *A.B.C. Uma fatia academica*. Rio de Janeiro, 2 Ago. 1919. p. 12.

¹³⁹ Ibid.

transformação desta mesma realidade, contribuindo para a história da humanidade, ou para ser direto, nas palavras de Lima:

A arte seria uma simples algebra de sentimentos e pensamentos se não fosse assim; e não teria ella, pelo poder de commover, que é um meio de persuasão, o destino de revelar umas almas ás outras, de ligal-as, mostrando-lhes mutualmente as razões de suas dores e alegrias, que os simples factos desarticulados da vida, vistos pelo commum, não tem o poder de fazer, mas que ella faz, diz e convence, contribuindo para a regra da nossa conduta e esclarecimento do nosso destino.¹⁴⁰

Reservemos esta ideia de *destino* para depois discorreremos sobre ela. A verdade é que a volta de Lima Barreto ao periódico seria interrompida por uma segunda internação.

Nos finais daquele ano de 1919, Lima Barreto seria vítima de alucinações alcoólicas causadas pelo vício. Em seu diário íntimo é possível ver a entrada, bem tímida, nela se lê: “A segunda vez que estive no hospício de 25 de dezembro de 1919 até 2 de fevereiro de 1920. Trataram-me bem, mas os malucos, meus companheiros, eram perigosos. Demais, eu me imiscuía muito com eles, o que não aconteceu daquela vez que fiquei de parte.”¹⁴¹ É desta internação que sairia o conteúdo para o *Diário do Hospício* e o romance *O cemitério dos vivos* publicados pelo biógrafo Francisco de Assis Barbosa e por esforço da irmã do escritor Evangelina Lima Barreto.¹⁴²

Passado a experiência traumática, no ano de 1920 Lima Barreto publica a grande quantidade de 101 textos – quantidade jamais superada em todos os seus anos de vida – em periódicos diversos¹⁴³. Destes, 14 são nas páginas do *A.B.C* e o que vemos é um Lima Barreto diverso, escrevendo sobre tudo, mas em particular, realizando críticas literárias nas páginas do semanário. Em artigo de 22 de maio, Lima faz justo comentário sobre as suas atividades no periódico:

Temo muito transformar esta minha colaboração no ‘A. B. C.’, em chronica literaria; mas recebo tantas obras e a minha vida é de tal irregularidade, a ponto de attingir as minhas proprias agibeiras, que, na impossibilidade de accusar logo o recebimento das obras, me veio na contingencia de fazel-o por este modo, afim de não parecer inteiramente grosseiro.¹⁴⁴

De fato, a contribuição de Lima Barreto se tornaria, em sua maioria, análise de livros, contos, textos literários que saíam no *A.B.C* ou eram endereçados ao escritor. Seriam 12 textos dos 22 restantes no periódico até a sua morte, em novembro de 1922.

¹⁴⁰ Ibid.

¹⁴¹ BARRETO, Op. cit. pp. 101-102.

¹⁴² SCHWARCZ, Op. cit. p. 386.

¹⁴³ BOTELHO, Denilson. Op. cit. p. 244.

¹⁴⁴ *A.B.C. Limites e protocollo*. Rio de Janeiro, 22 Mai. 1920. p. 15.

A atuação de Lima é bem mais tímida no ano de 1921, são apenas 17 textos que o autor publica neste periódico, do total de 93 que publicou naquele ano¹⁴⁵. Entre eles, destaca-se um assinalado de Mirassol, no interior paulista. Lá seria palco de um dos grandes episódios da vida de Lima. Ora, já sabíamos que para Lima Barreto a literatura tinha um destino, o de transformar a realidade. O *Destino da Literatura* seria uma palestra que, devido a problemas com a bebida, Lima jamais realizaria.

Durante o primeiro semestre de 1921, Lima Barreto seria convidado a passar uns dias em Mirassol, convidado pelo amigo Ranulfo Prata, médico e escritor. Seria uma forma de tratar o vício do cronista. Tudo ocorria bem, até inventarem de haver uma conferência literária para homenagear Lima Barreto em Rio Preto. Todavia, apesar de não ter acontecido a tal conferência, o texto seria publicado nos finais daquele ano, na revista Souza Cruz¹⁴⁶. O texto contemplaria justamente aquilo que Lima defenderia durante toda a sua vida: a militância de seus textos. Em pequeno trecho se lê:

Atualmente, nesta hora de tristes apreensões para o mundo inteiro, não devemos deixar de pregar, seja como for, o ideal de fraternidade, e de justiça entre os homens e um sincero entendimento entre eles.

E o destino da Literatura é tornar sensível, assimilável, vulgar esse grande ideal de poucos a todos, para que ela cumpra ainda uma vez a sua missão quase divina.

Conquanto não se saiba quando ele será vencedor; conquanto a opinião externada em contrário cubra-nos de ridículo, de chufas e baldões, o heroísmo dos homens de letras, tendo diante dos olhos o exemplo de seus antecessores, pede que todos os que manejam uma pena não esmoreçam no propósito de pregar esse ideal.¹⁴⁷

Do episódio, não encontramos nenhuma informação nas páginas do *A.B.C.*, pelo contrário, durante o resto do ano Lima Barreto continuaria sua atuação tímida, voltada justamente à crítica literária e comentando alguns acontecimentos de destaque.

Há uma grande lacuna de fontes no ano de 1922. Os textos que temos acesso são apenas aqueles publicados entre julho e dezembro daquele ano, em todas estas edições só encontramos 4 textos de Lima Barreto, de um total de 66 textos publicados naquele mesmo ano¹⁴⁸. Mas, entre os 4 textos que Lima Barreto publica em 1922 dentro do *A.B.C.*, há um deles que nos chama atenção. Trata-se de um texto sobre o feminismo. Segundo Lima Barreto, crítico do feminismo burguês existente em seu tempo, comentando a existência de uma lei que permitiria as mulheres ocuparem cargos públicos de escrevente de cartório. Todavia, Lima defende que a emancipação da mulher deveria ser feita no debate público e de maneira plena,

¹⁴⁵ BOTELHO, Op. cit. p. 244.

¹⁴⁶ BARRETO, Lima. “O destino da literatura”. *Revista Souza Cruz*, Rio de Janeiro, n. 59, pp. 22-4, out./nov. 1921. Disponível em: https://pt.wikisource.org/wiki/O_destino_da_literatura. Acessado em: Março de 2019.

¹⁴⁷ Ibid.

¹⁴⁸ BOTELHO, Op. cit. p. 244.

não apenas dentro de gabinetes políticos por parte das autoridades políticas, tão odiadas por ele. Em um trecho, o autor escreve:

O Sr. Rodrigo Octavio, mais do que eu, sabe perfeitamente que mulher não é *cidadão*. Mulher é mais ou menos equivalente ao louco, ao menor, ao interdito. Está sempre debaixo da tutela e proteção de quem ella carece irremediavelmente. Quando se promulgou a Constituição de 24 de Fevereiro, foi com esse espirito que se disse que os cargos publicos eram acessiveis a todos os brasileiros: mas brasileiros ahi são homens, conforme o espirito da época.

[...]

Como este caso, tenho em meu poder informações de mais outros relatórios. Não me move nenhum odio ás mulheres, mesmo porque não tenho fome de carne branca; mas o que quero é que essa coisa de emancipação da mulher se faça claramente, após um debate livre, e não clandestinamente, por meio de pareceres de consultores e auditores, acompanhados com os berreiros de D.^a Bertha e os escandalos de D.^a Daltro. É preciso que isso se faça claramente ás escancaras. Cada um, então, que dê sua opinião¹⁴⁹.

Este texto nos chama atenção pelo fato de que, mesmo que a revolta de Lima Barreto nos é estranha devido aos seus ideais maximalistas, devemos lembrar que o ponto de sua crítica vai no que se refere a decisão política. Ele aponta a falha existente dentro da Constituição, que não considerava – naquela época e por um longo tempo – a mulher um ser pleno de suas capacidades individuais. Seria um erro maior ainda acusá-lo de machismo sem padecer de anacronismo.

Alguns meses depois de publicado tal texto, o jornal escreveria um belíssimo artigo informando sobre a morte do escritor, que ocorreria como uma ironia do destino, dia 1 de novembro, às vésperas do Dia de Finados. Contendo fotografia e descrevendo-o como um dos mais genuínos intérpretes do romance brasileiro, o texto faz elogios sobre seu modo irônico de escrever e também dá destaque ao sofrimento existente nas suas obras. A última frase do artigo contém bonitas palavras para ilustrar o fim da vida do autor: “Fugindo em tempo aos grilhões que o acorrentavam á vida, Lima Barreto teve assim, a fortuna de não sobreviver a si mesmo... Mas a sua obra, esta ficará...”¹⁵⁰. Lima Barreto queria viver como escritor. Tinha essa ideia em sua cabeça, era profundamente guiado por este motivo em vida. Se em vida não foi visto com bons olhos por muitos de seus correligionários contemporâneos, em morte é visto como um dos maiores cronistas e romancistas da Primeira República.

¹⁴⁹ A.B.C. **O nosso feminismo**. Rio de Janeiro, 12 Ago. 1922. p. 8.

¹⁵⁰ A.B.C. **A morte de Lima Barreto**. Rio de Janeiro, 4 Nov. 1922. p. 5.

4 A COLABORAÇÃO PARA O HOJE

O Hoje Periodico de Acção Social aparece pelas ruas do Rio de Janeiro no ano de 1919. Sua primeira edição é datada de 20 de março, uma quinta-feira e contém 20 páginas¹⁵¹. A fonte está muito desgastada, mas é possível encontrar informações valiosas nesta primeira edição: à direita são informações sobre a sua Redação e Administração, localizados na “Rua Gonçalves Dias, n. 30, telephone: central 2338 e Caixa Postal 1000”¹⁵². As demais informações são da segunda edição: no cabeçalho, à esquerda, a data de sua publicação “Publica-se ás quintas-feiras”¹⁵³, o preço dos exemplares “avulso 100 réis assignaturas: anno cinco milréis”¹⁵⁴ e o aviso “Publicidade: tratar-se na administração”¹⁵⁵. Mas o que chama atenção no cabeçalho da primeira página é o destaque para os responsáveis pelo periódico, se lê apenas “Propriedade d’uma Associação”¹⁵⁶. Abaixo, há grande ilustração que toma a maior parte desta primeira página.

Nas páginas 3 e 4 há um texto introdutório que explica os motivos de se ter criado um novo periódico. O texto é assinado por Ferdinando Borla, fundador do *A.B.C* e que após seu retorno da Itália, decidiu por fundar este novo periódico¹⁵⁷, seu título é “*Rerum novarum*”, que significa *mudança política* em latim. O texto abre explicando que o jornal não iria ter foco político: “Em uma época em que os jornaes surgem e se multiplicam tendo como unico programma propugnar ou combater candidaturas á presidencia, parece-nos de bom gosto fundar um periodico que timbre em abstrair dellas”¹⁵⁸. Todavia, mais adiante no texto contradizendo o primeiro parágrafo, há a defesa de um programa político de cunho conservador e a explicação de que o jornal pertencia à Associação Comercial¹⁵⁹ e que intervêm no debate político:

Ella intervem na campanha hodierna, ella apoia um programma politico: no dia em que esse apoio se completar pelo corollario economico dum compromisso entre o capital que ella representa, e o trabalho que é função necessária do impulso

¹⁵¹ Assim como as outras edições, o acesso às fontes foi realizado através do site da Hemeroteca Digital Brasileira, pertencente à Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁵² *HOJE Periodico de Acção Social*. **Capa**. Rio de Janeiro, 20 Mar. 1919. p.1.

¹⁵³ *Ibid.*

¹⁵⁴ *HOJE Periodico de Acção Social*. **Capa**. Rio de Janeiro, 27 Mar. 1919. p.1.

¹⁵⁵ *Ibid.*

¹⁵⁶ *HOJE Periodico de Acção Social*. **Capa**. Rio de Janeiro, 20 Mar. 1919. p.1.

¹⁵⁷ É extremamente importante notar que não existe historiografia recente sobre a figura de Ferdinando Borla. O que se sabe sobre Ferdinando Borla se deve ao trabalho de Carlos Maul, hoje esgotado e extremamente raro. MAUL, Carlos. **O Rio da Bela Epoca**. Rio de Janeiro: Livraria S. José. 1967.

¹⁵⁸ *HOJE Periodico de Acção Social*. **Rerum Novarum**. Rio de Janeiro, 20 Mar. 1919. p. 2.

¹⁵⁹ *Idem*. p. 5

fecundador da moeda, estará resolvido, á luz do espirito dos novos tempos, o problema social do Brasil.¹⁶⁰

Apesar da existência do discurso conservador, o periódico contaria com a participação de nomes da esquerda radical brasileira, nomeadamente Agripino Nazaré e Astrojildo Pereira, que mantiveram amplo debate sobre a questão social do trabalhador brasileiro e sobre a Revolução Russa. Diferente do que ocorre no *A.B.C.*, a discussão existente no *HOJE* é defendida como sendo opinião exclusiva do autor do texto¹⁶¹. Ainda assim, chama atenção o número de autores que publicam no *HOJE*, sejam comentários políticos ou crônicas e colunas literárias, como João de Minas e o alvo deste estudo, Lima Barreto.

O aparecimento de Lima Barreto no periódico se faz justamente no período em que o autor se afasta das publicações do *A.B.C.* e que a estreia de Lima Barreto no periódico condiz com a primeira edição. Importante salientar que Lima Barreto é convidado por Ferdinando Borla para atuar no *HOJE*¹⁶². Nas páginas finais do jornal, o cronista escreve um texto sobre a cultura popular em uma coluna chama “‘Folk-lore’ urbano As maguas e sonhos do povo”¹⁶³. Neste texto, o autor explora a existência de uma revista chamada “Gazeta Litteraria” que teria sido publicada no Rio de Janeiro no ano de 1884 e continha grandes nomes como Capistrano de Abreu, Raul Pompeia, Urbano Duarte, Araripe Junior e Valentim Magalhães, todos trabalhando em prol do que Lima Barreto chama de “grande nacionalismo”¹⁶⁴. Mais adiante explica que este grande nacionalismo não tem ligação com questões militares, pelo contrário, é composto de coisas do dia a dia, a cultura e história do povo:

Era um patriotismo mais espiritual que não tinha uma finalidade guerreira e pretendia tão somente conhecer as coisas da nossa terra, a alma das suas populações, o seu passado, e transmitir tudo isto aos outros, para nos ligarmos mais fortemente no tempo e no espaço, em virtude desse próprio entendimento mutuo¹⁶⁵.

Para Lima Barreto, a cultura popular era algo de grande importância, vivia rodeado dela quando passava pelas ruas de *Todos os Santos*. Mais a frente no texto, ele descreve a existência do animal macaco como um totem popular em muitas destas histórias que ele ouviu. Lima destaca que a figura do animal é sempre “symbolo da malignidade, da esperteza, da pessoa ‘boa na lingua’, em lucta com a onça, cheia de força, mas traiçoeira e ingrata”¹⁶⁶. Ele também faz alusão a um conto que ouviu de um contínuo, enquanto trabalhava na Secretaria

¹⁶⁰ Ibid.

¹⁶¹ *HOJE Periodico de Acção Social. O necrophoro da Cidade*. Rio de Janeiro, 29 Mai. 1919. p. 13.

¹⁶² *Anais da Biblioteca Nacional Vol. 105*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1985. p. 21.

¹⁶³ *HOJE Periodico de Acção Social. “Folk-lore” urbano As Maguas e sonhos do povo*. Rio de Janeiro, 20 Mar. 1919. p. 14.

¹⁶⁴ Ibid.

¹⁶⁵ Ibid.

¹⁶⁶ Idem. p. 15.

de Guerra e que ele exploraria dentro desta série. Ainda segundo ele, o animal deveria ser tomado como um símbolo nacional devido à sua esperteza e que os estrangeiros tinham razão em chamar os brasileiros de macaquitos devido a nossa relação de simpatia com o animal¹⁶⁷. Um significado que, estranhamente, para Lima Barreto, não tinha nenhuma relação com o racismo recorrente e existente até hoje.

É importante pensarmos também no significado que tinha a Capital Federal como um espaço pluricultural. É impossível pensar a cidade do Rio de Janeiro – assim como toda e qualquer cidade portuária do mundo – como uma cidade que não estava inserida na circulação de ideias globais por meio da imprensa, isto é, através da circulação de notícias e jornais. Há também o fato de que a cultura circula dentro do próprio país, e no caso da Capital Federal, ela era uma composição de todas as culturas do Brasil como explica o próprio Lima Barreto:

Sou homem da cidade, nasci, criei-me e eduquei-me no Rio de Janeiro; e, nelle, em que se encontra gente de todo o Brazil, vale a pena fazer um trabalho destes, em que se mostre que a nossa cidade não é só a capital politica do paiz, mas tambem a espiritual, onde se vê resumir todas as magoas, todos os sonhos, todas as dores dos brasileiros, revelado tudo isso na sua arte anonyma e popular.¹⁶⁸

A partir desta publicação, Lima Barreto prossegue estudando e refletindo sobre questões populares, fazendo um trabalho quase antropológico, traçando as raízes por detrás de cantigas e ditados populares que ele se recordava de quando criança ou que havia tido contato durante suas andanças pela cidade.

Em outra edição do periódico, Lima Barreto prossegue com a sessão inaugurada na primeira edição do jornal. Neste segundo texto, o cronista exemplifica a existência de superstições em todas as culturas e classes sociais do mundo. Segundo ele as superstições servem para explicar fenômenos que os seres humanos não têm exata precisão do que sejam, além de tentar traçar no misticismo algo que explique a sua razão de viver:

É própria da nossa fraqueza mental essa pressa em explicar com creações arbitrias o que não podemos cabalmente elucidar de outra forma; dahi estas simplistas generalisações de nossos falsos sabios quanto ás origens de nossas crendices e abusões.

O homem, cheio de mysterio e cercado de mysterio, vivendo aqui e acolá, sempre procura nas cousas externas signaes seguros de seu destino e marcos certos para o seu roteiro de vida.¹⁶⁹

Adiante ele descreve que as superstições familiares são uma forma de conectar o metafísico com os bons acontecimentos e também à possíveis adversidades que circundam a vida dos mais simples:

¹⁶⁷ Ibid.

¹⁶⁸ Ibid.

¹⁶⁹ *HOJE Periodico de acção social. “Folk-lore” urbano As Maguas e sonhos do povo. 27 Mar. 1919. p. 8.*

Todas superstições caseiras ou familiares têm quasi sempre por base o temor dos genios, das forças mysteriosas contrarias a nossa felicidade. Todas ellas se dirigem contra o Azar, que acarreta molestias, mortes, perdas de emprego e outros acontecimentos nefastos á vida satisfeita do lar; algumas, porém, têm por fim invocar a felicidade e pedir a prosperidade para elle.¹⁷⁰

Noutra edição, Lima Barreto faz uma crítica às rezas e orações que dizem ter poder. Segundo ele, tudo isso não passa de charlatanismo e que inclusive, a imprensa tem papel na divulgação destes tipos de serviço, os quais ele não poupa críticas:

Ha a cartomante quasi licenciada que annuncia nas gazetas, tem entrevista com reporters, phytonisa os sucessos politicos; mas ha tambem as particulares, em ruas sombrias e pouco transitadas, que são procuradas pelas informações de bocca em bocca, por aqueles que querem vaticinios certos de vida amorosa.¹⁷¹

Adiante, ele prossegue:

Nunca me foi dado lêr uma oração destas, distribuidas pelas cartomantes-feiticeiras, professores-cartomantes-feiticeiros, que ha por ahi e vixem com favor dos seus poderes sobrehumanos de unir corações e fazer toda sorte de felicidades. Os que annunciam nos periodicos não me merecem interesse. São cynicos de mais e os seus annuncios de extremada publicidade, desafiando a policia são a mais segura demonstração do seu charlatanismo explorador.

Lima Barreto dá destaque para o papel da imprensa em lucrar com os anúncios publicitários e também ao cabível charlatanismo que engloba tais propagandas dentro dos periódicos, presente inclusive nas páginas do *A.B.C* e *HOJE*.

Na edição seguinte, Lima Barreto faz alusão à Escola Militar da Praia Vermelha¹⁷² como um antro de grandes escritores e dá como exemplo a revista publicada pela escola. Destacando o isolamento como forma de enriquecimento para a atuação literárias dos estudantes da escola, ele enfatiza as obras de Euclides da Cunha como expoente da forma de escrita da escola:

Aquelle estabelecimento tinha, alem dessa feição peculiar á sua natureza, algumas qualidades e attributos que vieram encontrar a sua feição máxima em Euclides da Cunha. No seu escrever, pejado de metaphoras e comparações scientificas, ha sempre a preocupação de demonstrar saber universal, desdenho pelas impressões do primeiro instante, desejo de esconder a collaboração do inconsciente sob a crosta espessa das leituras. Não se nota, no seu estylo, cambiantes, abandonos, suaves esbatimentos nas transições. A sua alma era secca e arida, e todo elle cheio de um orgulho intellectual desmedido, que a tornava ainda mais secca e arida. Tendo estudado difficeis disciplinas e, certamente, as conhecendo, mas literato até á medulla, até á tortura de procurar um estylo original e inconfundivel, até o rebuscamento dos vocabulos raros, tinha a pretensão de philosopho, de homem de sciencia que despreza o simples escriptor, para elle sempre um ignorante.¹⁷³

¹⁷⁰ Ibid.

¹⁷¹ *HOJE Periodico de acção social. "Folk-lore" urbano As Maguas e sonhos do povo. Rezas e orações.* 03 Abr. 1919. p. 11

¹⁷² Sobre a Escola Militar da Praia Vermelha, entre outros, ver o verbete de Celso Castro para o CPDOC. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica>. Visitado em: Março de 2019.

Este seria o único texto de Lima Barreto dentro da coluna onde não exploraria diretamente a cultura brasileira e os seus aspectos menos formais. Ainda assim, na edição seguinte ele voltaria a tratar da cultura popular, desta vez iniciando a série sobre histórias de animais.

O cronista abre o artigo descrevendo como os animais domésticos são presentes na cultura humana e amplamente explorados pela literatura¹⁷⁴. Traz exemplos de montarias míticas como as dos paladinos de Carlos Magno, presentes na literatura fantástica, além do cavalo de Dom Quixote e do papagaio de Crusoé. Analisa a relação de animais e deuses e sua mitologia, como o panteão romano e os santos católicos. Adiante, ele escreve sobre a origem de certos animais e sua relação com o catolicismo: explica a deformidade da espécie de peixe linguado, que fora amaldiçoado por Nossa Senhora depois de tê-la respondido de maneira grosseira, ridicularizando a forma como a santa falava.¹⁷⁵

Na edição subsequente, Lima Barreto retoma o caso das histórias que contém o animal macaco, mas desta vez ele não faz apenas referência à anedota contada pelo contínuo da Secretaria de Guerra, ele conta a história completa. Descreve que a astúcia do animal é sempre o que chama atenção, sua malandragem corriqueira nos contos é o que diferencia o animal dos outros e aquilo que o humaniza, realizando apreciação da relação existente entre o bicho e o homem:

O nosso macaco, com as suas parecenças humanas, tal e qual o vemos nas gaiolas e preso a correntes, é bem miúdo; mas tem tal ar de intelligencia, é tão solerte e inquieto, que o povo não podia deixar de impressionar-se com elle e dar-lhe a maxima importância nas suas histórias de animaes.¹⁷⁶

Adiante, ele destaca a diferença existente entre o macaco brasileiro e os símios africanos, estes últimos contêm ar de ferocidade e bestialidade, enquanto os animais brasileiros:

O nosso macaquinho não tem esse aspecto de força estúpida, mas de astúcia e malignidade curiosa, quando não de esperteza e malandragem. Assim, o povo representa nas suas historias, onde elle é fecundo em ardis e variadas manhas para vencer difficuldades e evitar luctas desvantajosas; as vezes, porém, são mais simples e as narrativas populares procuram fazer resaltar unicamente o pendor ‘planista’ do simio da sympathy de nossa gente humilde.¹⁷⁷

¹⁷³ HOJE *Periodico de acção social*. “Folk-lore” urbano As Maguas e sonhos do povo. **Historia de um soldado velho**. Rio de Janeiro, 10 Abr. 1919. p. 15.

¹⁷⁴ HOJE *Periodico de acção social*. “Folk-lore” urbano As Maguas e sonhos do povo. **Contos e historias de animaes**. Rio de Janeiro, 17 Abr. 1919. p. 9.

¹⁷⁵ Ibid.

¹⁷⁶ HOJE *Periodico de acção social*. “Folk-lore” urbano As Maguas e sonhos do povo. **Historias de macaco**. Rio de Janeiro, 24 Abr. 1919. p. 10.

¹⁷⁷ Ibid.

Depois disto, Lima Barreto conta dois casos de histórias populares envolvendo o animal. Mas o que chama atenção é que ele cita a fonte das histórias. No primeiro caso ele cita *D. Minerva Correia Pinto*, da cidade de Valença, interior do Estado, mas que era colega de bairro do escritor; e na segunda história é de *Antonio Hyginio*, do Estado do Rio Grande do Norte, colega da Secretaria de Guerra¹⁷⁸.

Quando cruzamos as fontes, descobrimos que Lima Barreto já havia demonstrado um interesse pelo imaginário do povo. Em seu *Diário Íntimo*, ele enumera várias histórias que vemos publicadas no *HOJE*. São as últimas anotações do ano de 1910¹⁷⁹ e trazem consigo todos os contos explorados por ele nas próximas edições do seu bloco no *HOJE*. O texto publicado em 08 de Maio daquele ano traria outra vez uma história anotada em seu diário, mas desta vez a história está modificada e sem final¹⁸⁰. Sobre tal feito, não encontramos nenhuma publicação em seu diário que explique o motivo de tal mudança.

Há um grande intervalo nas publicações semanais de Lima. Encontramos nova publicação apenas em 26 de junho e junto dela aparece a notícia de que Lima Barreto havia perdido as anotações sobre a série¹⁸¹.

Na edição seguinte, há um texto onde Lima Barreto discute a guerra. Segundo ele, o fim da guerra havia sido profetizado dentro de um livro de Augustin Hamon¹⁸², que analisando o confronto destaca que seu fim ocorreria nos finais de 1918. Para Lima, há várias relações entre a Guerra e o Capitalismo, sendo a primeira uma forma de alavancar a segunda. Demonstrando aqui os seus ideais maximalistas, o cronista explica que só é possível haver a paz somente se ela for feita não pelos governos, mas sim através dos povos:

A guerra, e uma imensa guerra como a que findou (?), é uma violenta sacudidella nas nações, na sociedade e nas instituições; e, agitando tudo isso, ella faz sobrenadar muita borra que a tranquillidade dos dias de paz tinha depostiado no fundo. Nesta guerra, mais do que em nenhuma outra, isso se verificou; e tão grande foi o abalo, tanto elle sacudiu esta nossa pobre humanidade e até o proprio planeta, que os sabios e pensadores só acreditam em paz duravel, se ella for feita, não pelos governos, mas pelos povos.¹⁸³

¹⁷⁸ Ibid.

¹⁷⁹ BARRETO, Op. cit. pp. 68-73.

¹⁸⁰ *HOJE Periodico de acção social. As Maguas e sonhos do povo O principe tatú*. Rio de Janeiro, 8 Mai. 1919. p. 12.

¹⁸¹ *HOJE Periodico de acção social. Quereis encontrar marido? Aprendei!...* Rio de Janeiro, 26 Jun. 1919. p. 16.

¹⁸² Escritor anarquista francês, nascido em 1862. Fundador da revista *L'Humanité nouvelle* e editor até o início do século XX. Escreveu vários livros sobre o pensamento libertário. Para mais informações ver: <http://mosca-servidor.xdi.uevora.pt/arquivo/?p=digitallibrary/digitalcontent&id=272>. Visitado em Março de 2019.

¹⁸³ *HOJE Periodico de acção social. As lições da guerra*. Rio de Janeiro, 3 Jul. 1919. p. 17.

Figura 2: Texto de Lima Barreto em página do *HOJE*.

HOJE

AS MAGUAS E SONHOS DO POVO

O PRINCIPE TATÚ

Nas notas que andei tomando ha annos, de historias, contos, ditos, crendices do povo, conforme me contavam nos azares dos passeios e dos encontros, guardei uma « historia do principe Tatú », que nunca vi escripta nem nunca ouvi narrada senão pela pessoa que m'a pronunciara pela primeira vez. Foi ella uma senhora da minha visinhança a quem já alludi nestas rapidas notas e cujo nome talvez tenha demais vezes citado. Trata-se de D. Minerva Corrêa da Costa, natural de Valença e residente á rua do Piauhy, em Todos os Santos, nesta cidade.

E' uma historia complicada e longa, cheia de peripecias phantasticas e intervenções mysteriosas, que não deixa de ter aquelle fundo de todos os contos para crianças, de abnegação, de sacrificio primeiro, para afinal obter-se a felicidade completa. Absteino-me de discutir se essa generalisação é segura e se é util. Não é caso para isso, pois não sou nem folklorista nem educador; mas, infelizmente, o povo parece não dar aos primeiros materia para que os segundos organisem livros da carochinha dignos e de accordo com os idéas da nossa actual sociedade. Antes de tudo, porém, convem notar que já dei uma redacção minha a essa historia do principe Tatú. Publiquei-a, com muitos erros de revisão, n'uma revista de inferiores do Exercito, cujo nome me escapa agora. A publicação foi feita em dois numeros e ambos perdidos eu; guardei as notas e agora as colijo da maneira que se segue:

« Estando uma vez o rei e a rainha á janella do seu palacio, viram passar um caçador com um tatú ás costas. A rainha, até então, não tivera a felicidade de dar a luz um filho, e por isso disse para o rei: — Ah! meu Deus! Vês tu!... Quem me dera ter um filho, mesmo que fosse come aquelle tatú!

Os seus desejos foram satisfeitos; e dentro de menos de um anno a rainha veiu a ter um filho que era um tatú perfeito.

Apesar de ser assim, foi elle creado com todos os cuidados de um principe e educado e instruido, conforme a sua hierarchia em nascimento.

Tendo crescido e chegado a epocha propria ao casamento, demonstrou desejo de desposar a filha de um conde que tinha tres.

A moça accitou o pedido com repugnancia e impoz que o seu palacio e residencia fosse decorado e guarnecido como se se tratasse de um luto e o casamento se fizesse de preto. A condição foi acciteo e assim os esponsaes foram realisados.

A' hora de recolherem-se ao quarto nupcial, o principe Tatú, que já encontrara a mulher no leito, disse: — Ah! Quizeste que o nosso casamento fosse de luto, pois vaes vêr! Morre já e já!

Em seguida estrangulou a mulher, cuja morte foi attribuida a outra qualquer causa que não a verdadeira.

Ao fim de alguns annos o principe Tatú, que parecia ter esquecido todos os propositos matrimoniaes, mostrou desejos de casar-se com a segunda filha do conde. Houve espanto e mesmo sua mãe quiz dissuadi-lo desta sua tenção.

Da mesma forma que a primeira, entendeu a segunda o casamento fosse feito de luto e as salas do palacio em que elle se realisasse tivessem aspecto funereo. Aconteceu-lhe a mesma cousa que á primeira noiva.

O principe parecia teimar em escolher esposa sempre entre as filhas do conde. Chegou, portanto, a vez da terceira e esta, que tinha por madrinha uma boa fada, foi avisada de que devia desejar que as ceremonias do casamento fossem as mais festivas possiveis. Realisaram-se portanto ellas com muita pompa e brilho como se fosse o enlace commum de um principe normal a uma princeza qualquer.

Quando o principe Tatú entrou nos aposentos conjugaes encontrou a mulher com a physionomia mais natural que se pode imaginar, e que o recebia como um verdadeiro noivo da especie humana. Muito contente com isto, o Principe Tatú retirou o casaco e veiu a ser o homem bonito que era, mas que o encantamento fizera animal. A moça ficou exuberante de alegria, e não satisfeita de saber-lhe o segredo contou-o á mãe, a rainha.

Sabedora que foi do caso, não poude a mãe conter a curiosidade e veio ver, certa noite, o principe seu filho com a forma humana. Julgando que lhe fizessem bem e viesse elle a ter sempre a forma da nossa especie, a mãe e mais a sua nóra lembraram-se de queimar a casca óssea do tatú na persuasão que, despertando elle e não a encontrando, não pudesse mais retomar as formas do animal que apparentava a todos ser a sua. Tal, porém, não se deu.

Sentindo o cheiro de osso queimado, o principe despertou e falou assim dolorosamente: — Ah! ingrata! Foste revelar o meu segredo! Faltavam-me só cinco dias para desencantar...

A princeza nada dizia, — só chorava; e o principe não a recriminava, mas continuava a falar com muito queixume na voz: — Agora, se tu me quizeres vêr, tens que ir ás terras dos Campos Verdes. Dito isso, sem que ella pudesse perceber como, o principe Tatú sumiu-se dos seus olhos totalmente, completamente.

Passaram-se meses e annos e ella, sempre cheia de saudades, esperava que o seu marido voltasse da mesma forma mysteriosa como a que envolvera o seu desaparecimento.

Tal, porém, não se deu. E ella, cheia de saudades, não poude por mais tempo supportar a ausencia do principe Tatú, seu marido de poucos dias. Arrumou a trouxa e sem norte e sem guia partiu em procura das taes terras que ninguém sabia em que canto do mundo ficavam. Andou muito, muito e muito, por esse mundo de Christo, e topou afinal com uma casinha, á beira da estrada, junto da qual estava uma velhinha, de grande velhice e largo olhar de bondade.

— Minha velha, perguntou a princeza, onde ficam as terras dos Campos Verdes?

A velhinha abandonou um instante a renda que estava fazendo sobre a almofada, e respondeu ternamente, com voz macia e pausada: — Minha netinha, quem deve saber disso é minha filha, a Lua; é ella quem percorre todos os descampados, é ella que nos beija, é ella que nos ama; deve ser, portanto, ella, quem o saberá. Espera, minha netinha, que ella venha, pois não tardará ».

Como nas classicas historias da princeza Schéhérazada, parece, leitores amigos, que a aurora vem rompendo; devemos por isso interromper a narração para continual-a na noite seguinte. Deixamos de pôr aqui o habitual « continua » dos romances-folhetins que os jornaes trazem para o gaudio dos seus leitores artisticos, mas sem deixar de contar dentro de uma semana como se chega ao paiz dos Campos Verdes...

Rio, 2-5-19
LIMA BARRETO

CASA BRAGA

INSTALLAÇÕES ELECTRICAS
DE LUZ E FORÇA

Grande variedade em lampadas de meza e "abat-jours" de seda e missangas

—
J. BRAGA
—

Attende com rapidez a chamados para reparos em installações ou outro qualquer trabalho de electricidade

—
Rua Gonçalves Dias, 89
Entre Ouvidor e Rozario - Tel. N. 4837
RIO DE JANEIRO

Na semana que se segue, Lima Barreto prossegue com a temática antibelicista. Em texto fazendo oposição a construção de um novo prédio para o Hospital da Cruz Vermelha, que somente atendia aos feridos de guerra, o escritor defende que o custo exorbitante e a existência de um arranha-céus não condiziam com a geografia da cidade do Rio de Janeiro¹⁸⁴. Segundo ele:

Entre nós, porém, nenhum delles póde prevalescer e não deviamos permittir a construcção de semelhantes pharoes civicos, em uma cidade semeada e bordada de collinas, morros quasi serras, que ainda estão mais ou menos arborizadas e que devem estar sempre, dando-lhe sua beleza especial, o seu ‘cachet’ de grandeza, e a sua simplicidade de horizontes, os quaes nós perderemos, pedras e mesquinhas formigas humanas que somos! se taes chatezas se vierem multiplicar¹⁸⁵.

Passados ambos episódios onde o autor demonstra sua opinião sobre as coisas da guerra, a série sobre o folclore e a cultura faz seu retorno apenas em julho daquele mesmo ano. Desta vez, faz estudo sobre os sonhos existentes dentro de obras literárias, amplamente utilizadas em diversos livros e principalmente em histórias épicas:

Propheticos ou não, seria um nunca acabar estar relembrando os sonhos registrados nas grandes obras literarias. Quasi todos os heroes e heroínas de romances e poemas sonham; quando não é com seus autores, é por conta propria. É um effeito de que grandes e pequenos autores, bons e maus, se têm soccorrido, e não seria eu quem havia de censural-os por isso, mesmo porque, se não digo, como as namoradas desprezadas, que a vida é um sonho, tenho entretanto, muito para mim, que ella é uma ilusão – o que, talvez não fique muito aquem do que as garotas deste ou d’aquelle paiz, dizem e resumi mais acima.¹⁸⁶

Assíduo leitor, Lima Barreto demonstra mais uma vez seu amor pela literatura, mas novamente defende a sua relação de desgosto com aqueles que tentam lucrar com ela. Nos parágrafos finais, descreve o caso de alguém que utilizou seu sonho como um motivo para jogar na loteria, mas acabou perdendo seu dinheiro. Por fim, escreve que não são apenas os sonhos que fazem fluir a imaginação, mas que os livros também têm o papel de criar ilusões: “Ha muitos modos de nos enganarmos com os nossos sonhos; um delles é o geito da analphabeta e simples ‘Sinhá Maria’; um outro é ao nosso; sabemos lêr e, para isto ou para aquillo, precisamos de auto-illusões...”¹⁸⁷

Este é o último texto de Lima Barreto dentro do periódico no ano de 1919. Somam um total de 12 textos dele neste periódico, sendo que no ano, somam um total de 85 como dito anteriormente¹⁸⁸. Devido a uma grande lacuna de fontes, temos acesso apenas as edições a

¹⁸⁴ *HOJE Periodico de acção social. O edificio da Cruz Vermelha.* Rio de Janeiro, 10 Jul. 1919. p. 17.

¹⁸⁵ *Ibid.*

¹⁸⁶ *HOJE Periodico de acção social. Folk-Lore urbano As Maguas e sonhos do povo Sonhei com isto: o que é?* Rio de Janeiro, 17 Jul. 1919. p. 20.

¹⁸⁷ *Idem.* p. 21.

¹⁸⁸ BOTELHO, Op. cit. p. 244

partir de abril de 1920 e devido a isto, encontramos um único texto do cronista. Disponível numa edição em julho, quando ele aparentemente, retorna depois de um longo hiato.

Escrevendo em 8 de julho de 1920, Lima Barreto faz artigo criticando a existência do Conselho Municipal e de fundo destinado a construção de um novo edifício Teatral. Segundo ele o edifício seria um grande desperdício de recursos e não teria fim cultural ou educativo algum para as camadas mais pobres da sociedade. Além disso, o escritor investe contra a falta de reconhecimento dos escritores da cidade:

Agora vêm esses quinhentos contos; não mais para criar o teatro municipal, mas o brasileiro, o nacional. Vamos ver em que dará. Em droga, por certo. A municipalidade do Rio de Janeiro, tão munificente em materia de teatro, nunca se lembrou de estimular, por este ou aquelle meio, a producção literaria ou artistica dos naturaes da cidade.

Nunca lhes deu o minimo alento e estimulo, nem mesmo recompensou o esforço delles.¹⁸⁹

Para Lima, a situação do Teatro brasileiro não era vista com bons olhos justamente porque se tratava de uma atividade que excluía a maior parte da população, pobre e afastada do centro. A cidade do Rio de Janeiro era dividida entre os ricos, que tinham acesso ao teatro, e aqueles como Lima, pobres e marginalizados, que não frequentavam aquele espaço.

Segundo Beatriz Resende, a cidade do Rio de Janeiro era fragmentada no que chama de cidade *ideal* e cidade *real*. Para ela, os pensadores criavam uma visão falsa da realidade, formulada em espaços de prestígio, enquanto, na realidade efetiva, o que se via era a exclusão da população pobre. Nas palavras da autora: “A cidade ideal, dos cartões-postais e das revistas ilustradas, quer *ocultar* a cidade real, empurrando para os morros e subúrbios os figurantes indesejáveis.”¹⁹⁰

Era justamente entre estes espaços que circulava Lima Barreto. Saindo do subúrbio para frequentar cafés e revistarias, onde se encontravam muitos de seus ex-colegas da escola e outros escritores de seu tempo. Lima Barreto estava amplamente envolvido pela teoria maximalista e já defendia a ideia de sua literatura militante. Como já foi dito, para ele o papel do literato era de agir sobre a sociedade por meio das suas obras, mas como fazê-lo se a sociedade não valorizava os autores como ele? A resposta vinha justamente dentro das obras do autor, expondo as contradições existentes nas construções realizadas pelos Governantes que de nada aliviariam o sofrimento da população mais pobre da capital federal.

¹⁸⁹ HOJE Periodico de acção social. O Conselho Municipal e a Arte. Rio de Janeiro, 8 Jul. 1920. p. 15

¹⁹⁰ RESENDE, Op. cit. p. 99.

Passado este episódio, Lima Barreto voltaria a escrever no periódico apenas no ano de 1922. São apenas 2 os textos que ele escreve neste ano no periódico. Em junho, ele escreve um artigo sobre as expressões populares, destacando a palavra “mafuá” e fazendo estudo semi-antropológico e filológico sobre o termo. Para o autor, é muito difícil traçar a história destas palavras de origem humilde, justamente porque a língua é mutável e têm influências de todas as camadas da sociedade:

A nossa sabedoria, official ou não, péca sempre por esse desprezo pelas creações e invenções verbaes dos humildes. É sabido, no entanto, que a linguagem é o producto de um povo.

Nossos grammaticos se atêm a discutir se se deve dizer *um dos que foi* ou *um dos que foram*, desdenhando pouco scientificamente phenomenos linguisticos que se estão passando a seus olhos.¹⁹¹

Ao final do texto, ele reforça esta condição de que os letrados poderiam dedicar mais tempo aquilo que é do popular, para assim poder atingir mais pessoas que, segundo Lima Barreto, são ignorantes como ele, mas que tem grande curiosidade:

Não me alargo em citar alguns outros termos, porque, tanto eu como os sabios philologos, os conhecem; mas basta essa ‘encrenca’ do significado da palavra ‘mafuá’ para mostrar como é necessario que elles entrem na liça, afim de esclarecer os ignorantes como eu, mas cuja vontade de saber é infinita.¹⁹²

Para finalizar, o último texto de Lima Barreto traria novamente esta noção de que ele era uma pessoa humilde, apenas mais um na crescente população do Rio de Janeiro. Em artigo chamado *Palavras dum simples* ele discute a política do país e os acontecimentos recentes sobre a Revolta dos 18 do Forte de Copacabana, que acontecera alguns dias antes de tal artigo sair no *HOJE*. O autor abre o artigo da seguinte maneira:

Nunca me metti em politica, istoé, o que se chama politica no Brasil. Para mim a politica, conforme Bossuet, tem por fim tornar a vida commoda e os povos felizes. Desde menino, pobre e opprimido, que vejo a ‘politica’ do Brasil ser justamente o contrario. Ella tende para tornar a vida incommoda e os povos infelizes. Todas as medidas que os politicos lançam mão são nesse intuito.¹⁹³

Observamos mais uma vez o desânimo de Lima Barreto com a política em geral. A República havia se mostrado falha, o que se observava era corrupção e descaso com a população mais pobre. Sua ausência do debate era proposital, não queria comentar o que para ele era mais do mesmo. Adiante, o autor escreve a sua ausência do debate durante o acontecimento:

Puz-me de parte e tive razão. Não havia nessa agitação nada de ideal, de superior. Só admitto que se morra em materia de politica quando se o faça por uma ideia que interesse um grande grupo humano. E outra attitude elle não merecia. Não sei os

¹⁹¹ *HOJE Periodico de acção social. Sobre os “Mafuás”*. Rio de Janeiro, 17 Jun. 1922. p. 6

¹⁹² Ibid.

¹⁹³ *HOJE Periodico de acção social. Palavras dum simples*. Rio de Janeiro, 22 Jul. 1922. p. 7

prodromos de semelhante barulheira, mas elles devem ser muito baixos e vagabundos.¹⁹⁴

A seleção do autor para os assuntos que ele queria escrever sobre são postas em relance. Não se interessou pelo acontecido e não participou dos debates sobre. Mais à frente, o autor deixa bem claro a quem destinaria sua atenção se o assunto fosse política:

Seria capaz de deixar-me matar para implantar aqui o regimen maximaista; mas a favor de Fagundes ou Brederodes não dou um pingo do meu sangue. Tenho para mim que se deve experimentar uma ‘taboa raza’ no regimen social e politico que nos governa; mas mudar só de nomes de governantes nada adeanta para a felicidade de todos nós.¹⁹⁵

Ora, Lima Barreto daria um ponto final em sua relação com a política, defendendo mais uma vez o ideal revolucionário. Para ele a única saída era a implosão do regime político republicano e a instauração do maximalismo, para que assim as populações pobres tivessem a chance de ter uma vida digna, ou nas palavras dele, serem felizes.

Após a publicação deste texto, a próxima vez que a figura de Lima Barreto apareceria no jornal seria na nota de pesar sobre a sua morte. Na página 5 da edição de 4 de novembro, o título do editorial é *Morreu Lima Barreto: morreu, no Brasil, o romance naturalista*¹⁹⁶. Nele se faz comparação entre a obra de Machado de Assis e Lima Barreto, nomeando o último como discípulo do primeiro. É interessante também pensar no enquadramento de Lima como um expoente do *naturalismo*, mesmo ele tendo dialogado com o *movimento modernista*.¹⁹⁷ Além disso, chama atenção o fato de que o cronista foi reconhecido pela série que explorava o folclore e sua escrita engajada com o proletariado:

Rhapsódo, dissemos. Lima Barreto cantou em prosa, os sonhos e os mythos da multidão. Cantou sem metro, mas com quanta musica, feita de vibrações em que echoavam as dores e alegrias dos humildes. O ‘folklore’ deve-lhe paginas que gravam panoramas nostalgicos de intimismo colectivo. E esses panoramas constituem bem a geographia occulta e a remota consciencia de povo, do nosso instinto racial. A intuição rythmava a emoção, no interprete do paraizo e do inferno dos proletarios.

A visão que se tinha de Lima Barreto era de um homem que não deixava de tratar de assunto que lhe cativasse, qualquer que fosse o assunto. Se ele se sentisse na vontade de escrever sobre tal tópico, assim o fazia sem medir suas palavras. É fato que a sua contribuição neste periódico fora breve quando comparada ao *A.B.C*, mas podemos perceber a importância do escritor neste forte editorial escrito após a sua morte.

¹⁹⁴ Ibid.

¹⁹⁵ Ibid.

¹⁹⁶ *HOJE Periodico de acção social. Morreu Lima Barreto: morreu, no Brasil, o romance naturalista*. Rio de Janeiro, 4 Nov. 1922. p. 5.

¹⁹⁷ Para tanto, ver: SCHWARCZ, op. cit. *cap. 16 Lima entre os modernos*. pp. 430-461.

5 CONCLUSÃO

A trajetória de Lima Barreto dentro destes dois jornais demonstra duas faces do autor. Enquanto nos primeiros anos de sua colaboração no *A.B.C* vemos o autor explorar a suas opiniões recorrendo a crônicas, mais tarde ele parte para escrever artigos que demonstram a sua relação com a Academia Brasileira de Letras, o maximalismo e também sobre os livros e a literatura de seu tempo através de resenhas. Já no *HOJE*, Lima Barreto inicia a sua participação tratando da cultura, de temas do dia a dia que o despertavam o interesse, mas faz isso como um estudioso, busca analisar de maneira racional, tendo como base textos e livros que compunham a sua biblioteca.

No entanto, seria um erro pensar que são duas faces opostas de Lima Barreto. Pelo contrário, ambas compartilham do mesmo caráter ideológico do autor, isto é, mantendo fortes críticas à política republicana e fazendo uso da literatura como forma de militância, explorando a cultura dos mais humildes e expondo sua voz como cronista. Nelson Werneck Sodré, importante historiador da imprensa, destaca que a relação que Lima mantinha com os jornais e as letras era impecável: “Jornalista e escritor exemplar, Lima Barreto não contrasta com os vultos habitualmente situados como grandes, na imprensa e nas letras de seu tempo, por ter sido apagado e pobre, mas porque deixou um alto exemplo de dignidade, num e noutro dos ofícios, sendo mestre em ambos.”¹⁹⁸

Se o escritor era renegado pela grande imprensa devido a sua escrita sagaz e incisiva, era na pequena imprensa, ou melhor, na imprensa contra-hegemônica¹⁹⁹ que Lima Barreto iria ter maior liberdade para escrever. E escrever sobre o que quisesse, onde quisesse e para quem quisesse. Como escritor independente, ele tinha a liberdade de passear por diversos periódicos. Somam-se mais de 30 periódicos onde o escritor deixou a sua marca²⁰⁰. E foi justamente nestes anos finais de sua vida, livre do compromisso como amanuense, que ele mais escreveu.

Durante a sua primeira internação dentro do Hospício Nacional de Alienados e em sua ficha, quando se lê “*Profissão: funcionário público*” não retratava de forma alguma a vida

¹⁹⁸ SODRÉ, N. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad. 4 ed. 2009. p. 340.

¹⁹⁹ Falo aqui das ideias elaboradas por Eduardo Granja Coutinho. Para mais, ver: COUTINHO, Eduardo Granja. “Processos contra-hegemônicos na imprensa carioca, 1889-1930” In: _____ (org.). **Comunicação e contra-hegemonia: processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. pp. 65-89.

²⁰⁰ BOTELHO, op. cit. p.245.

aspirada pelo autor²⁰¹. Fato é, trabalhar na Secretaria de Guerra como amanuense era uma forma de obter uma renda estável durante boa parte de sua vida, no entanto, Lima Barreto queria viver da literatura, ter uma vida profissional como romancista. Observamos que ao se desligar da Secretaria de Guerra, suas publicações aumentam exponencialmente nos anos que se seguem até a sua trágica morte para a bebida.

Escrevendo sobre a sua independência e liberdade, observamos as palavras de Beatriz Resende sobre o autor:

Lima Barreto aparece no horizonte cultural da Primeira República como intelectual independente, num momento em que a cooptação dos intelectuais pelo poder é mais do que frequente, é praticamente a única situação existente numa cidade onde o saber autêntico não se constitui, por si só, em valor ou forma de ascensão social. O desprestígio que o ideário da sociedade vota ao saber correspondente à emulação votada aos *doutores*. Os bacharéis não são gratuitamente alvo constante da crítica de Lima Barreto.²⁰²

Todavia, é interessante ressaltar que o ódio de Lima Barreto não era à figura do bacharel como um todo, mas justamente ao misticismo que cercava tal título, como dito por Denilson Botelho em sua obra:

O que o autor criticava era o significado que ser doutor ia assumindo. Numa sociedade já marcada por profundas diferenças sociais, por hierarquias excludentes, incomodava-o verificar que mais uma forma de exclusão ia pouco a pouco se sedimentando através dessa ‘superstição do doutor.’²⁰³

E isto fica bem claro quando observamos em ambas as séries de publicações do autor nos dois jornais observados por este trabalho – *Os Bruzundangas* e *Maguas e sonhos do povo* – o seu desafeto pelos homens do direito e da ciência. Fica claro que a oligarquia ligada aos títulos e bacharéis fajutos existente na Bruzundanga jamais poderia ter um final feliz para a população devido ao interesse individual dos seus governantes. Os títulos serviam apenas para criar uma ilusão de que aqueles que haviam estudado eram mais aptos para governar, porém, o que observamos é uma série de patuscadas realizadas por estas próprias pessoas. O já citado Nicolau Sevchenko, descreve o muito bem panorama que Lima Barreto observou na Primeira República e fez de fundo para suas obras:

A politicagem desenfreada representava o pleno regime da irracionalidade administrativa percutindo por toda parte e sobre todos, gerando mal estar, insegurança, privação, miséria e marginalização. Para o interior e as populações rurais, o abandono era absoluto; nas cidades, os beneficiados constituem sempre o mesmo e diminuto grupo. As estruturas sociais e econômicas da nação como que se congelavam, na esteira da agremiação política, passando a definharem no marasmo²⁰⁴.

²⁰¹ SCHWARCZ. Op. cit. p. 273.

²⁰² RESENDE. Op. cit. p. 18.

²⁰³ BOTELHO. Op. cit. p. 179.

A falta de atenção que os políticos endereçam às comunidades mais pobres da Capital Federal, seja construindo novos prédios culturais ou hospitais de guerra – como exemplificado por ele em sua contribuição para o *HOJE* –, não se distancia muito daquilo que acontecia no país fictício. Este era o Brasil Republicano que Lima Barreto observava e fazia alvo de suas críticas. Uma terra onde os projetos políticos de igualdade e melhoria de vida que foram prometidos com o advento da mudança de regime político não se concretizaram. Pelo contrário, tornaram piores a situação de clientelismo e de estruturação da máquina política. Isto ajuda no entendimento das frases finais do texto escrito em seu *Diário Íntimo* sobre a entrada do Brasil na guerra: “Antes o feudalismo! Antes a nobreza!”²⁰⁵. Como não fazer comparação entre Monarquia e uma República que se mostrava cheia de patuscadas? A indignação de Lima Barreto era completamente entendível e sua radicalização como um maximalista é perfeitamente coerente.

Quando Lima Barreto passa a explorar a cultura ele demonstra outro lado de seu trabalho como crítico. Observando as coisas do dia a dia, lembrando aquilo que havia escutado quando menino, ele muda a atenção dos holofotes para aquilo que acontecia longe das páginas dos jornais. Explorar cantigas infantis, anedotas folclóricas, a origem das superstições e etc, era mais uma forma de sua caneta militante agir, mas com menos injúria e mais apreço pelos renegados da República. Presente em seu *Diário Íntimo* estão as suas confissões sobre seu modo de vida, sua relação com a imprensa e também com sua família e amigos. Só o fato de Lima ter escrito anedotas sobre animais e numerá-las, anotando em seu diário a origem de quem havia compartilhado com ele tais anedotas, já demonstra seu apreço por tais histórias.

Raymond Williams, pensador marxista que aborda a cultura, defende justamente que a cultura é algo comum. Está em todos os lugares, e pode ser reivindicada por qualquer um²⁰⁶. As concepções de cultura não englobam *um tipo especial de cultura*, mais elevada do que as outras, “erudita” em termos muito fechados da palavra. Ora, a cultura está presente em todos os lugares, e Lima Barreto demonstra isso quando busca evidenciar o popular em sua coluna sobre o folclore, podemos considerar isto como mais uma forma de militância literária do autor.

²⁰⁴ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão; tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 171.

²⁰⁵ BARRETO. Op. cit. p. 91.

²⁰⁶ WILLIAMS, Raymond. A cultura é algo comum. In: ____ (Org). **Recursos da Esperança: cultura, democracia, socialismo**. São Paulo: Editora Unesp. 2015. 1ª. ed. p. 19.

Militância que, em ambos periódicos são vividamente presentes, afirmadas e reafirmadas por Lima Barreto, seja quando ele se autointitula um maximalista ou quando descreve a importância da literatura para a sociedade. Embora sua conferência jamais tenha acontecido, ela tornou-se alvo de diversos estudos²⁰⁷. Aproximando-se de seu centenário de morte – que coincide com o bicentenário de independência, observa-se o aumento no número de obras e trabalhos acadêmicos que vêm sendo feitos sobre o autor.

O que é observável é que a internação e o final trágico do escritor para a bebida, trataram de gerar amplo reconhecimento, mesmo enquanto ele tenha sido esquecido pela Academia Brasileira de Letras que tanto almejava. Por certo é que mesmo que Lima Barreto jamais tenha adentrado à Academia, ele é mais reconhecido do que muitos que dela fazem parte, superando aqueles de seu tempo e entrando para a história como um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos, sendo tema de trabalhos acadêmicos tanto na área da História como também em Letras e Jornalismo.

Afonso Henriques Lima Barreto foi enterrado no cemitério de São João Batista, em Botafogo, como profetizara na primeira página do seu *Diário do Hospício*²⁰⁸, foi vítima de um infarto fulminante causado pelo seu alcoolismo²⁰⁹. Seu pai, João Henriques, morreria algumas horas depois do filho, sendo enterrado na mesma campa²¹⁰.

²⁰⁷ Basta-nos uma breve pesquisa nos bancos de teses e dissertações das principais universidades do país para encontrarmos textos sobre o assunto. Especificamente, ver: OAKLEY, R.J. **Lima Barreto e o destino da literatura**. São Paulo: Editora Unesp. 2011. 240p.

²⁰⁸ BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; o cemitério dos vivos**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de editoriação. 1993. p. 23.

²⁰⁹ SCHWARCZ. Op. cit. p. 485.

²¹⁰ BARBOSA, Op. cit. pp. 228-229

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto: 1881-1992**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. 11. ed. Versão E-pub, 300p.
- BARBOSA, Marialva. **Os Donos do Rio: Imprensa, Poder e Público**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000. 1 ed. 257p.
- BARRETO, Lima. RESENDE, Beatriz (org.) **Cronista do Rio**. 1a ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. 2017. Versão E-pub, 252p.
- BATALHA, Claudio H. M. **Dicionário do movimento operário: Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920, militantes e organizações**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009. pp.32-33.
- BOTELHO, Denilson. **A Pátria que quisera ter era um mito**. Curitiba: Prismas, 2017. 2 Ed. 246p.
- BOTELHO, Denilson. *Sob o signo da Floreal: Uma perspectiva histórica da iniciação literária de Lima Barreto*. In: **Revista Itinerários**. Araraquara: Unesp, n. 23, 2005. pp. 149-74.
- BOTELHO, Denilson. *Sobre os meios e modos de fazer jornalismo na Primeira República: Lima Barreto entre a história e a ficção*. In: **Revista Antíteses**, v. 6, n. 11, jan./jun. 2013. pp. 35-52
- BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 431p.
- BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. pp. 183-91.
- BRIGGS, Asa. BURKE, Peter. **Uma historia social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 2006. 343 p.
- CANDIDO, Antonio. *Introdução*. In: _____. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. pp. 23-37.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1989. 223p.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador*. In: VILLAÇA, Mariana Martins e PRADO, Maria Ligia Coelho (Org.). **História das Américas: fontes e abordagens historiográficas**. São Paulo: Humanitas; CAPES, 2015. pp. 114-136.

CARNEIRO, Daniel Machado Vivacqua. **Entre mágoas e sonhos do povo: Lima Barreto e o folclore urbano**. 2019. 174 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de São Carlos – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11505>

CASTELLUCCI, Aldrin A. S. *Agripino Nazareth e o movimento operário da Primeira República*. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 32, nº 64, 2012. pp. 77-99.

CASTRO, Celso. **A Proclamação da República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000. 87p.

CHALHOUB, Sidney. *Apresentação*. In: **História Social – Revista dos pós-graduandos em História da UNICAMP**. Campinas, n. 22/23, primeiro e segundo semestres de 2012. pp. 9-15.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002. 277p.

CORRÊA, Henrique Sergio Silva. **O A.B.C de Lima Barreto (1916-1922)**. 2012, 238 f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis. 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/99621>.

COUTINHO, Eduardo Granja. *Processos contra-hegemônicos na imprensa carioca, 1889-1930*. In: ____ (org.). **Comunicação e contra-hegemonia: processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. pp. 65-89.

EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária**. Porto: Edições Afrontamento. 1976. 112p.

FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. **A Crise dos anos 20 e a Revolução de Trinta**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. 26f.

GINZBURG, Carlo. *Estranhamento. Pré-história de um procedimento literário*. In: _____. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. pp. 15-41.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força: história, retórica, prova**. São Paulo. Cia das letras, 2002, 140p.

LEAL, Bruno. RIBEIRO, Nuno Manna. *Cenas da atualidade em tensão: aproximações à experiência temporal de narrativas jornalísticas*. In: HERSCHMANN, M., FREIRE FILHO, João, RIBEIRO, Ana Paula Goulart (orgs.). **Entretenimento, Felicidade e Memória: Forças moventes do contemporâneo**. São Paulo: Anadarco. 2013. pp. 211-232.

LESSA, Renato (1988). **A Invenção Republicana – Campos Sales, as bases e a decadência da Primeira República brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Vértice/Iuperj. 340p.

LUCA, Tânia Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla B. (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. pp. 111-154.

OAKLEY, R.J. **Lima Barreto e o destino da literatura**. São Paulo: Editora Unesp. 2011. 240p.

PEREIRA, Astrojildo. *Posições políticas de Lima Barreto*. In: _____. **Crítica impura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963. pp. 34-54.

RESENDE, Beatriz. *Introdução*. In: BARRETO, Lima. **O subterrâneo do morro do Castelo**. Rio de Janeiro: Dantes, 1997. 104p.

RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em Fragmentos**. 2a ed. 1a Reimp. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2017. 190p.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart e HERSCHMANN, Micael. *História da comunicação no Brasil: um campo em construção*. In: _____ (Orgs.). **Comunicação e história: interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro: Mauad X, Globo Universidade, 2008. pp. 13-26.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Nelson Werneck Sodré e a história da imprensa no Brasil*. In: **Revista Intercom** (São Paulo. Online), v. 38, 2015. pp. 275-288

SANTOS, Poliana dos. **O povo e o paraíso dos abastados – Rio de Janeiro, 1900/1920 (Crônicas e outros escritos de Lima Barreto e João do Rio)**. 2018. 350 f. Tese de

Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo. São Paulo. 2018. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-27082018-145311/pt-br.php>

SCHWARCZ, L. K. M. **Lima Barreto: Triste visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 1 ed. 647p.

SCHWARCZ, L. K. M. *Introdução – Lima Barreto: termômetro nervoso de uma frágil República*. In: ____ (Org.). **Contos completos de Lima Barreto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. pp. 15-54.

SCHWARCZ, Roberto. *Nacional por Subtração*. In: _____. **Que horas são? Ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. pp. 29-48.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 259p.

SEVCENKO, Nicolau. *O fardo do homem culto: literatura e analfabetismo no prelúdio republicano*. In: **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, nº 9, nov. 1980, pp. 66-69.

SODRÉ, N. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad. 4 ed. 2009. 502p.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 494p.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009. 96p.

TOLEDO, Edilene. *A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República*. In: FERREIRA, Jorge. REIS, Daniel Aarão (orgs.). **As Esquerdas no Brasil – Vol. 1 A Formação das Tradições(1889-1945)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2007. pp. 54-87.

WILLIAMS, Raymond. *A cultura é algo comum*. In: ____ (Org.). **Recursos da Esperança: cultura, democracia, socialismo**. São Paulo: Editora Unesp. 2015. 1a. ed. 495p.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Editora UNESP. 2011. 420p.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 217p.

FONTES

IMPrensa

Biblioteca Nacional (Brasil). **Anais da Biblioteca Nacional – Vol. 105**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1985. 179p.

A coleção do A.B.C foi consultada através do site da Hemeroteca Digital pertencente a Fundação Biblioteca Nacional. **A.B.C: Política, Actualidades, Questões Sociaes, Lettras e Artes**. Múltiplas Edições. Rio de Janeiro: 1915-1934.

A coleção do HOJE foi consultada através do site da Hemeroteca Digital pertencente a Fundação Biblioteca Nacional. **HOJE Periodico de Acção Social**. Múltiplas Edições. Rio de Janeiro: 1919-1923.

A coleção do Correio da Manhã foi consultada através do site da Hemeroteca Digital pertencente a Fundação Biblioteca Nacional. **Correio da Manhã**. Múltiplas Edições. Rio de Janeiro: 1905.

A coleção da Fon-Fon foi consultada através do site da Hemeroteca Digital pertencente a Fundação Biblioteca Nacional. **Fon Fon: Semanario Alegre, Político, Crítico e Espusiante**. Edições 1 à 5. Rio de Janeiro: 1907.

A coleção da Revista Contemporânea foi consultada através do site da Hemeroteca Digital pertencente a Fundação Biblioteca Nacional. Revista Contemporanea. Ano II. Num. 15. Rio de Janeiro, 1 mar. 1919.

A coleção da Floreal foi consultada através de empréstimo realizado pelo Orientador desta Monografia. **Floreal: Publicação Bi-mensal de Critica e Litteratura**. Rio de Janeiro: 1907.

VERBETES

BELOCH, Israel. **PEREIRA, Astrojildo**. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930). Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

DEMIER, Felipe Abranches. **OITICICA, José**. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930). Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

JUNQUEIRA, Eduardo. **BARRETO, Lima**. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930). Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

JUNQUEIRA, Eduardo. **ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL)**. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930). Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

TOLEDO, Edilene. **ANARQUISMO**. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930). Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

ESCRITOS DE LIMA BARRETO

BARRETO, Lima. **Diário Íntimo (1903-1921)**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. Fonte Digital de Domínio Público. 135p. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2078

BARRETO, Lima. O destino da literatura. **Revista Souza Cruz**, Rio de Janeiro, n. 59, pp. 22-4, out./nov. 1921.

BARRETO, Lima. **Diário do Hospício; o cemitério dos vivos**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de editoração. 1993. 224p.

**ANEXO A – TABELA CONTENDO PUBLICAÇÕES DE LIMA BARRETO
DENTRO DO A.B.C**

Data da edição	Nome do texto	Páginas	Assinatura	Observações
6 janeiro 1917	Um grande financista (conto exotico)	7-8	Lima Barreto	Faz parte da série <i>Os Bruzundangas</i> . É datado de 1-1-1917
20 janeiro 1917	A outra nobreza da Bruzundanga	14	Lima Barreto	Faz parte da série <i>Os Bruzundangas</i> . É datado de 15-1-1917
20 janeiro 1917	A nobreza da Bruzundanga	17-18	Lima Barreto	Faz parte da série <i>Os Bruzundangas</i> . É datado de 7-1-1917. Contém um pós-escrito assinado apenas L.B.
27 janeiro 1917	A politica e os politicos da Bruzundanga	16	Lima Barreto	Faz parte da série <i>Os Bruzundangas</i> . É datado de 21-1-1917
10 fevereiro 1917	As riquezas da Bruzundanga	12	Lima Barreto	Faz parte da série <i>Os Bruzundangas</i> . É datado de 6-2-1917
3 março 1917	O ensino da Bruzundanga	6	Lima Barreto	Faz parte da série <i>Os Bruzundangas</i> . É datado de 28-2-1917
10 março 1917	A Constituição da Bruzundanga	12	Lima Barreto	Faz parte da série <i>Os Bruzundangas</i> . É datado de 5-3-1917
17 março 1917	A diplomacia da Bruzundanga	13-14	Lima Barreto	Faz parte da série <i>Os Bruzundangas</i> . É datado de 11-3-1917
24 março 1917	Um manda chuva	15-16	Lima Barreto	Faz parte da série <i>Os Bruzundangas</i> . É datado de 13-3-1917. Possui o numeral romano IX antes do texto
31 março 1917	Um ministro da agricultura	9-10	Lima Barreto	Faz parte da série <i>Os Bruzundangas</i> . É datado de 25-3-1917. Possui o numeral romano X antes do texto
31 março 1917	Mais uma	21	L.B	Sem data

28 abril 1917	Os heróis da Bruzundanga	10	Lima Barreto	Faz parte da série <i>Os Bruzundangas</i> . Possui o numeral romano XI antes do texto
5 maio 1917	A sociedade da Bruzundanga	9-10	Lima Barreto	Faz parte da série <i>Os Bruzundangas</i> . Possui o numeral romano XII antes do texto
12 maio 1917	Carta fechada Meu maravilhoso senhor Zé Rufino	13	Lima Barreto	Sem data
19 janeiro 1918	Harakashy e as escolas de Java	12-13	Lima Barreto	É datado de 14-1-1918
2 fevereiro 1918	Até que afinal!...	12	Lima Barreto	É datado de 25-1-1918
16 fevereiro 1918	“Annita e Plomark” Aventureiros	8-9	Lima Barreto	Sem data
20 abril 1918	Casos de Bovarysimo	10	Lima Barreto	Sem data
27 abril 1918	Volto ao Camões!	4	Lima Barreto	É datado de 18-4-1918
4 maio 1918	Cló A Alexandre Valentim Magalhães	12-14	Lima Barreto	Sem data
11 maio 1918	No ajuste de contas	11-13	Lima Barreto	É datado de 1-5-1918. Acompanha fotografia de Lima Barreto.
18 maio 1918	A superstiçao do Doutor	14-16	Lima Barreto	Sem data
8 junho 1918	“Les morts von vite...” Ou uma critica e uma reconciliação covarde do Sr. João Ribeiro	4-5	Lima Barreto	É datado de 3-5-1918
15 junho 1918	O moleque	12-14	Lima Barreto	Sem data
20 julho 1918	Adelia	11	Lima Barreto	Sem data
27 julho 1918	O feiticeiro e o	12	Lima Barreto	Sem data

	Deputado			
10 agosto 1918	Uma noite no Lyrico	4-5	Lima Barreto	Sem data
17 agosto 1918	Um musico extraordinario	14-15	Lima Barreto	Sem data
24 agosto 1918	A nossa philantropia	10	Lima Barreto	Sem data
31 agosto 1918	Como Budhistas...	11	Lima Barreto	Sem data
7 setembro 1918	Literatura militante	8	Lima Barreto	Sem data
21 setembro 1918	O secular problema do Nordeste	15	Lima Barreto	Sem data
28 setembro 1918	O triumpho	14	Lima Barreto	Sem data
19 outubro 1918	Elogio da Morte	5	Lima Barreto	Sem data
26 outubro 1918	A Politica Republicana	12	Lima Barreto	Sem data
2 novembro 1918	A corte do Itamaraty	11-12	Lima Barreto	Sem data
23 novembro 1918	Noticias da Bruzundanga	8	Lima Barreto	Faz parte da série Os Bruzudangas. Sem data
30 novembro 1918	Da minha cella	11,14 e 15	Lima Barreto	É datado de 25-11-1918. As páginas estão desorganizadas, o início do texto está na página 14 e o final na página 11.
14 dezembro 1918	Carta aberta Exmo. Sr. Conselheiro Rodrigues Alves ou a quem suas vezes fizer, na Presidencia da Republica	12 e 15	Lima Barreto	É datado de 2-12-1918. O texto está mal organizado.
21 dezembro 1918	Não valia a pena	8 e 13	Lima Barreto	Sem data
28 dezembro 1918	Um officio da B.S.A	16-17	Lima Barreto	Sem data
Data da edição	Nome do texto	Páginas	Assinatura	Observações

4 janeiro 1919	Procurem a snr. ^a Josephina	14-15	Lima Barreto	Sem data
25 janeiro 1919	Quem será, afinal?	13-14	Lima Barreto	Sem data
1 fevereiro 1919	Por amor a velhos principios...	8	Lima Barreto	É datado de 29-1-1919
2 agosto 1919	Uma fatia academica	12-13	Lima Barreto	É datado de 26-7-1919
16 agosto 1919	Considerações oportunas	10-11	Lima Barreto	Sem data
13 setembro 1919	A Arte na Bruzundanga	9	Lima Barreto	Faz parte da série Os Bruzundangas. É datado de 7- 9-1919
20 setembro 1919	A minha Allemanha	12	Lima Barreto	Sem data
4 outubro 1919	A tal historia da aniagem	10	Lima Barreto	Sem data
25 outubro 1919	Variações sobre um artigo	16	Lima Barreto	Sem data
15 novembro 1919	Um domingo de discursos	14	Lima Barreto	Sem data
10 janeiro 1920	Após a guerra	4	Lima Barreto	Sem data
17 janeiro 1920	Extravagancias officiaes	2	Lima Barreto	Sem data
24 janeiro 1920	A nossa situação	4	Lima Barreto	Sem data
31 janeiro 1920	Mais uma vez	4	Lima Barreto	Sem data
14 fevereiro 1920	“Habeas-corpus” curioso	16	Lima Barreto	Sem data
21 fevereiro 1920	Simple reparo	15	Lima Barreto	Sem data
28 fevereiro 1920	Duas reliquias	14	Lima Barreto	Sem data
6 março 1920	O “negócio” da Bahia	13-14	Lima Barreto	Sem data

13 março 1920	A Universidade	16	Lima Barreto	Sem data
27 março 1920	A Legião da Mulher Brasileira	15	Lima Barreto	Sem data
10 abril 1920	Dous livros	13	Lima Barreto	Sem data
17 abril 1920	Memorias da Guerra	14	Lima Barreto	Sem data
21 abril 1920	Fabricantes de paizes	8	Lima Barreto	Sem data
22 maio 1920	Limites e protocollo	15-16	Lima Barreto	Sem data
29 maio 1920	Homem ou boi de canga?	8	Lima Barreto	Sem data
8 janeiro 1921	D'Annunzio e Lenine	11-12	Lima Barreto	Sem data
22 janeiro 1921	Carta de um defunto rico	12	Lima Barreto	Sem data
5 fevereiro 1921	A obra de um ideologo	16	Lima Barreto	Sem data
5 março 1921	Poesia e poetas	16	Lima Barreto	Sem data
19 março 1921	Os Medicos e o Spirita	11	Lima Barreto	Sem data
9 abril 1921	Educação physica	6	Lima Barreto	Sem data
23 abril 1921	Reflexões e Contradições á Margem de um Livro	16-17	Lima Barreto	Sem data. Escrito de Mirassol
7 maio 1921	Sobre uma Obra de Sociologia	10-11	Lima Barreto	Sem data
23 julho 1921	Impressões de Leitura (Á margem do "Coivara" de Gastão Cruls)	13	Lima Barreto	Sem data
6 agosto 1921	A Tunica de Nessus das Leis	3	Lima Barreto	Sem data

10 setembro 1921	Urbanismo e Roceirismo	10	Lima Barreto	Sem data
24 setembro 1921	Um Romance de Botafogo	6-7	Lima Barreto	Sem data
1 outubro 1921	O meu conselho	10-11	Lima Barreto	Sem data
8 outubro 1921	Importancia da Dansa (Intercambio Commercial)	6	Lima Barreto	Sem data
26 novembro 1921	O Fabricante de Diamantes	10	Lima Barreto	Sem data
17 dezembro 1921	Aos Poetas	6	Lima Barreto	Sem data
24 dezembro 1921	Um livro desabusado	13-14	Lima Barreto	Sem data
22 julho 1922	O Estado de Sítio	13	Lima Barreto	Sem data
5 agosto 1922	Elogio do Amigo	10	Lima Barreto	Sem data
12 agosto 1922	O nosso feminismo	8	Lima Barreto	Sem data
26 agosto 1922	O nosso sport	6	Lima Barreto	Sem data
Total				87

Fonte: *A.B.C.* Múltiplas edições. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: Setembro de 2018.

**ANEXO B – TABELA CONTENDO PUBLICAÇÕES DE LIMA BARRETO
DENTRO DO *HOJE***

Data da edição	Nome do texto	Páginas	Assinatura	Observações
20 março 1919	“Folk-lore” urbano As maguas e sonhos do povo	14-15	Lima Barreto	Faz parte da série <i>As maguas e sonhos do povo</i> . Contém o numeral romano I no início. Sem data.
27 março 1919	“Folk-lore” urbano As maguas e sonhos do povo	9-10	Lima Barreto	Faz parte da série <i>As maguas e sonhos do povo</i> . Sem data.
3 abril 1919	“Folk-lore” urbano As maguas e sonhos do povo Rezas e orações	11-12	Lima Barreto	Faz parte da série <i>As maguas e sonhos do povo</i> . É datado de 26-3-1919
10 abril 1919	“Folk-lore” urbano As maguas e sonhos do povo Historia de um soldado velho	15-16	Lima Barreto	Faz parte da série <i>As maguas e sonhos do povo</i> . Sem data.
17 abril 1919	“Folk-lore” urbano As maguas e sonhos do povo Contos e historias de Animaes	9-10	Lima Barreto	Faz parte da série <i>As maguas e sonhos do povo</i> . Sem data.
24 abril 1919	“Folk-lore” urbano As maguas e sonhos do povo Historias de macaco	10-11	Lima Barreto	Faz parte da série <i>As maguas e sonhos do povo</i> . É datado de 16-4-1919
1 maio 1919	“Folk-lore” urbano As maguas e sonhos do povo Um domingo de Paschoa	9-10	Lima Barreto	Faz parte da série <i>As maguas e sonhos do povo</i> . É datado de 21-4-1919
8 maior 1919	“Folk-lore” urbano As maguas e sonhos do povo O principe tatú	12	Lima Barreto	Faz parte da série <i>As maguas e sonhos do povo</i> . É datado de 2-5-1919
26 junho 1919	Quereis encontrar marido?	16	Lima Barreto	É datado de 17-6-1919. Há uma nota onde se lê: “Tendo

	Aprende...			perdido as notas em que vinha fazendo meu desenxabido Folk-lore urbano – MAGUAS E SONHOS DO POVO – sou obrigado a interrompê-lo até recompô-las. Não perdem por esperar. L.B”
3 julho 1919	As lições da Guerra	17-18	Lima Barreto	Sem data.
10 julho 1919	O edifício da Cruz Vermelha	17	Lima Barreto	Sem data.
17 julho 1919	“Folk-lore” urbano As maguas e sonhos do povo Sonhei com isto: o que é?	20-21	Lima Barreto	Faz parte da série <i>As maguas e sonhos do povo</i> . Sem data.
8 julho 1920	O Conselho Municipal e a Arte	15	Lima Barreto	Sem data
17 junho 1922	Sobre os “Mafuás”	6	Lima Barreto	Sem data
22 julho 1922	Palavras dum simples	7	Lima Barreto	Sem data
Total				15

Fonte: *HOJE Periódico de ação social*. Múltiplas edições. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: Setembro de 2018.